

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci[®]fer

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

**Ensinamentos
esotéricos Volumes
3 e 4 G. de Purucker**

**A relatividade do
Absoluto**

A memória coletiva

**Vendo sem olhos,
cheirando sem nariz;
a percepção no reino
vegetal**

**Teorias da
conspiração**

**As raízes cósmicas
da Matemática**



Editorial

p. 82

Ensinamentos Esotéricos Volumes 3 e 4 de G. de Purucker.

p. 83

No número anterior de *Lúcifer, o Portador da Luz*, fizemos a revisão dos volumes 1 e 2 dos *Ensinamentos Esotéricos* de Gottfried de Purucker (GdeP). A Fundação I.S.I.S. publicou uma edição renovada desta série de 12 volumes, que seguem exatamente a versão original aprovada por Gottfried de Purucker. Neste *Lúcifer* nós discutimos os volumes 3 e 4.

Barend Voorham

A Relatividade do Absoluto

p. 88

Refletindo no significado original do Absoluto abre-se a grande janela de uma grande doutrina.

Barend Voorham

A Memória Coletiva

O plano astral: armazém das nossas experiências

p. 92

A Psicologia dará um grande salto se assumir a existência da luz astral.

Barend Voorham

Teosofia na Natureza

Vendo sem olhos, cheirando sem nariz; a percepção no reino vegetal

p. 98

Os cientistas começam a descobrir capacidades nas plantas que eram, até agora, consideradas impossíveis. Mais do que uma coleção de células auto responsáveis, as plantas começam a tornar-se seres individuais, seres conscientes capazes de tomar decisões baseadas num ambiente sempre em mudança.

Bouke van den Noort



A forma da pirâmide de Gize simboliza o cosmos, que emana de UM ponto, o ápice.

Teorias da Conspiração

p. 102

Um dos efeitos laterais da crise do corona vírus tem sido o crescimento das teorias da conspiração. Em si próprio, o fenómeno não é novo, mas tem-lhe sido dado mais relevo por causa da pandemia. Como se pode explicar isto e o que é que se pode fazer acerca disto?

Barend Voorham

As Raízes Cósmicas da Matemática

p. 106

Muitas pessoas veem a matemática como uma ferramenta para cálculos. Mas como podemos explicar o facto interessante de que grandes pensadores da antiguidade, tais como Pitágoras e Platão, enfatizaram fortemente a importância de uma compreensão *profunda* da matemática?

SC

Perguntas e Respostas

112

» Armas nucleares em Rāmāyana?



Editorial

Em alguns países a pandemia parece estar a acabar, embora devamos ser cautelosos. Num grande número de países, o corona vírus está ainda com força. Apesar disso, muitas pessoas perguntam-se a si próprias: e agora? Devemos continuar a viver o caminho que costumávamos trilhar? Devíamos outra vez, à custa de não importa que preço, restaurar rapidamente a nossa antiga prosperidade? Ou devíamos organizar as nossas vidas de forma diferente?

Se escolhermos a última opção, podemos fazer bom uso da Teosofia. Acima de tudo, a Teosofia dá-nos um guia razoável sobre como podemos estabelecer a nossa nova vida.

Olhando para a Teosofia, um destes desafios consiste em que da Antiga Sabedoria pode brotar uma luz tão brilhante que nos faz ganhar muito maior compreensão da vida. Isto aplica-se não apenas aos assuntos filosóficos, religiosos e sociais, mas certamente também à ciência.

Há muitas pessoas que tiveram noites de insónia durante os dias de escola por causa da matemática. Não compreenderam muito. O que é que significam todas aquelas fórmulas? Qual era o problema? Contudo, se aproximamos a matemática do ponto de vista da Teosofia, então o que era inicialmente obscuro e incompreensível tornou-se lógico para muitos. Naquele caso, não se trata tanto do processo de compreensão intelectual, mas sim da compreensão intuitiva.

Durante algum tempo, um grupo de estudos tem vindo a olhar para uma aproximação intuitiva à matemática. O resultado são dois artigos. Este número do *Lúcifer*, o portador da luz, inclui o primeiro, “As raízes cósmicas da matemática”. Estes artigos não requerem tanto conhecimentos matemáticos, mas sim uma mente aberta.

Em relação a psicologia, o conhecimento da Teosofia pode ser também uma ajuda muito prática. A ideia é que há um campo etérico em redor e na Terra que pode explicar muitos mistérios psicológicos e portanto fornecer um grupo de ferramentas para ajudar as pessoas. O artigo *A memória Coletiva — o Plano Astral*: armazém das nossas experiências, trata deste assunto.

Continuamos a nossa série de revisões de *Ensinamentos Esotéricos* do Dr. Gottfried De Purucker. Os ensinamentos discutidos nos volumes 3 e 4, *Espaço e doutrina de Mâyã* são provavelmente os mais metafísicos e universais de todas as séries. O Volume 3 trata de assuntos profundos, tais como o Espaço, o Absoluto, Tempo e Duração, Realidade e Ilusão. O Volume 4 trata das *Galáxias e Sistema Solar: a sua Génese, Estrutura e Destino*. As ideias contidas nestes livros são tão profundas, que se pode pensar sobre elas durante dias ou até meses.

Estamos muito contentes pelo facto de os trabalhos do Dr. Purucker terem sido estudados num círculo muito amplo. Ele sabe como abordar temas de grande profundidade metafísica de modo a que, apelando à nossa intuição, sejamos capazes de os compreender. Com um olhar para o Absoluto, que foi tratado no volume 3 dos *Ensinamentos Esotéricos*, pensámos que era necessário dedicar um artigo adicional sobre este assunto, em ordem a tornar as ideias mais claras, usando, a propósito, outro dos trabalhos De Purucker sobre o mesmo assunto.

A nossa secção de *Teosofia na Natureza*, por esta vez, versa sobre os sentidos. Como explicar que há plantas que podem cheirar sem nariz e ver sem olhos? A chave deste enigma reside no facto de que nós, atualmente, percebemos com a nossa consciência e não com os nossos sentidos exteriores. Os sentidos são os canais para passar a informação do mundo exterior para a consciência.

Na secção de perguntas do último *Lúcifer*, tratámos da questão sobre o Rāmāyaṇa. Continuámos a receber perguntas acerca do assunto Além disso, insistimos no tópico particularmente importante do deslumbramento e intuição.

Por favor continue a fazer perguntas. Você receberá sempre uma resposta. Os seus comentários são também muito bem-vindos. É principalmente através da interação que o pensamento teosófico se torna vivo e esse é o objetivo da nossa revista.

Os editores

Ensinamentos Esotéricos partes 3 e 4 de G. de Purucker



No número anterior do *Lúcifer, o Portador da Luz*, fizemos a revisão dos números 1 e 2 dos *Ensinamentos Esotéricos* 1 e 2 de G. de Purucker (GdeP). A Fundação I.S.I.S publicou uma edição renovada da série de 12 volumes, que segue exatamente a versão original aprovada por G. de Purucker. Neste volume discutimos os volumes 3 e 4.

Pensamentos-chave

- » Recomendamos enfaticamente começar o estudo destas instruções com os volumes 1 e 2.
- » O volume 3 trata de assuntos tão profundos como o Espaço, o Absoluto, o Tempo e a Duração, a Realidade e a Ilusão.
- » No volume 4 G. de Purucker desce ao mundo manifestado, por assim dizer. Neste volume ele descreve o nascimento das galáxias, o Sistema Solar Universal e o nosso Sol e os nossos planetas.
- » Elucida-nos também sobre os ensinamentos teosóficos do zodíaco, o Ovo Áurico e os ciclos. Ele esclarece com frequência os mal-entendidos.

Os volumes 1 e 2 dos *Ensinamentos Esotéricos* enfatizam o desenvolvimento de uma certa faceta da mente. Isto não é sem razão de ser. Se procura conhecimento por curiosidade ou para se beneficiar a si próprio, então a Filosofia Esotérica está atualmente fora de sentido. Assim, avisamos com ênfase contra a leitura dos volumes 3 e 4 sem ter lido ainda os volumes 1 e 2 dos *Ensinamentos Esotéricos*. Por que é que fazemos estes avisos? Não é apenas por não ter sentido, mas também por ser perigoso, porque só se você tem uma atitude despida de egoísmo poderá compreender os ensinamentos profundos. Só então poderá prevenir a degenerescência dos ensinamentos e nunca os usar para benefício próprio. Isto defendê-lo-á a si e aos outros de uma quantidade de sofrimento.

Metafísica e Universal

Os ensinamentos discutidos no volume 3 *Espaço e Doutrina do Mâyā* são provavelmente os mais metafísicos e universais de todas as séries. Trata de

temas profundos tais como o Espaço, o Absoluto, Tempo e Duração, Realidade e Ilusão.

As primeiras páginas do volume 3 providenciam tantos pensamentos que você pode pensar sobre eles durante dias, provavelmente meses, à medida que se tenta atingir a essência da Vida, do Ser.

O espaço, explica G.de P., não é aquilo que contem todas as coisas, mas cada espaço é substancial e na sua essência é um ser. Isto dá de imediato uma perspectiva completamente diferente. Isto não é familiar para si, pode ser difícil de compreender, mas se pensar acerca disso um pouco mais, este pensamento torna-se muito mais lógico do que a visão comum de que o espaço é vazio. Cada espaço é um ser, e portanto vive.

Para além disso, deve fazer-se uma clara distinção entre um espaço e o Espaço. Um espaço - tal como o do nosso sistema solar, por exemplo, ou o da Via Láctea, sim, mesmo o de um incontável agregado de milhões de galáxias, por mais vasto que seja

- não é o espaço de “per se”.

O Espaço é a expansão ilimitada do Ser, que existiu e existirá em todas as eternidades. Nesse Espaço ilimitado reside os espaços de infinitas hostes de seres vivos, de universos, por maiores ou pequenos que sejam, É por isso que GdeP, também fala de espaços do Espaço.

Plenitude e vazio

O Espaço ilimitado é referido por diferentes nomes em diferentes tradições: o Inefável Abismo, a Grande Profundidade ou Grande Mar, a Profundidade Ilimitada. No Budismo Mahāyāna, o Espaço é referido pelos seguintes termos: o menos conhecido termo Alaya (há uma diferença de significado entre Alaya e Ālaya, para explicação veja-se a nota de rodapé na pág. 94) e o muito mais conhecido termo Śūnyatā, vazio. GdeP concebe no Espaço tanto Plenitude como Vazio, de modo a que se possa conseguir um quadro mais claro e amplo do que é atualmente o Espaço. Cada espaço é vazio no sentido de que os aspetos espirituais divinos mais elevados estão simplesmente mais além da nossa imaginação. Para nós ele não tem forma. Mas isso não é o vazio que nós parecemos ver quando olhamos o Universo com os nossos telescópios físicos. Isso é um aparente vazio. Nós não temos (ainda) sentidos para nos apercebermos da plenitude dos mundos, dos universos, seres vivos, porque aqueles mundos estão num plano diferente do nosso mundo sensorial. Todavia, não há lugar na vastidão do Espaço na qual não haja vida.

Os conceitos de “Vazio” e “Plenitude” complementam-se lindamente um ao outro, com a ideia de Śūnyatā a refletir o lado espiritual e a ideia de plenitude derivando da perspectiva de manifestação.

Parabrahman e Mūlaprakṛti

O Espaço Ilimitado pode também ser referido a Parabrahman, uma palavra sânscrita que significa literalmente “acima de Brahman” ou “além de Brahman”. Brahman é a divindade mais elevada, o mais espiritual do nosso Universo; “Para” quer dizer “acima de ou “além de”. Assim, Parabrahman quer dizer acima da mais elevada divindade, acima do horizonte da nossa consciência. Parabrahman não é, pois, um ser, não é uma entidade. Parabrahman é o sem limites, o Ilimitado, sem princípio, sem fim, sem tempo, Espaço imortal, Espaço interior e também Espaço exterior. Abreviadamente, é o Todo. (p.80).

Ora bem, nas escrituras de uma das mais velhas escolas filosóficas indianas, o Vedānta Advaita, Parabrahman é re-

ferido como tendo um véu cósmico: Mūlaprakṛti. “Mula” quer dizer “raiz” e “Prakṛiti” é “Natureza”. Mūlaprakṛti, portanto, quer dizer raiz da natureza, natureza primordial. Cada Universo na sua essência é ambos: Parabrahman e Mūlaprakṛti.

A principal ideia - isto é. aplicável a tudo- por detrás disto é que cada espaço, cada universo tem o mais alto espírito desenvolvido ou lado energético. Este lado espiritual é expresso por seres mais avançados na escada da evolução. O lado oposto consiste de seres que ainda estão menos desenvolvidos e que, portanto, representam o lado material daquele espaço. Todavia, cada espaço consiste numa colaboração de consciências que estão em diferentes estádios de desenvolvimento. Tudo é consciência. A vida e o espírito podem ser chamados o lado Parabrahman, o lado veículo é o lado de Mūlaprakṛti. Contudo, não se podem separar os dois porque eles são essencialmente UM; ambos são a expressão do UM.

Absoluto

O espaço e o ilimitado são muitas vezes associados ao Absoluto. Há muita confusão acerca deste último termo, também entre os teosofistas. Há teosofistas que afirmaram que as explicações de GdeP constituem um desvio daquilo que HP Blavatsky quis significar com esse termo. Neste volume dos *Ensinamentos* GdeP explica claramente o que é o Absoluto, que há muitos Absolutos, e que a sua explicação não difere nada da que foi dada pela sua grande predecessora HPB.

Na linguagem comum, “absoluto” quer dizer completo ou total. Absoluto provem do latim *absolutum*, que quer dizer “libertado” ou “desprendido”. Isto é exatamente o mesmo significado da palavra sânscrita *moksha* ou *mukti*. Essa libertação refere-se aos mais baixos elementos da hierarquia à qual se pertence, a qual já não exerce mais nenhuma atracção sobre nós. Visto a partir do ilimitado, todavia, esta libertação é relativa porque, acima de tudo, há incontáveis hierarquias e há hierarquias dentro de hierarquias, Isso pode parecer estranho à primeira vista, mas “absoluto” é um termo relativo.

O “Absoluto” é o cume, o início e o fim da hierarquia, de um universo hierárquico. Pode-se chamar a isso o UNO. O ponto de partida cósmico ou raiz de qualquer hierarquia, a partir do qual o DOIS e depois o TRÊS emergem. Não é o Ilimitado, porque isso é o ZERO místico. (pág. 76-77) Assim, há muitos Absolutos, muitos Uns, mas nenhum desses Absolutos é Ilimitado. Para um ser com um começo, não interessa quão grande seja, é finito

como entidade, tem relacionamento com outros seres e, portanto, é relativo.

Mâyã

Naturalmente, no volume 3 o conceito de mâyã ou ilusão não pode faltar. Seja quem for que queira compreender alguma coisa do Espaço, e dos Universos que se manifestam nesse Espaço, da sua plenitude, deve pensar na natureza dessas manifestações.

Bem, todas essas manifestações são temporárias. Têm um começo relativo e, por consequência, um fim relativo. Portanto, da mesma forma, não são uma realidade eterna, e, portanto, são ilusórios.

Assim, lá por serem Mâyã não quer dizer que esses universos não existem. Isso seria uma falsa representação. Isso quer dizer que os seres não estão aptos a aperceber-se da realidade que está por detrás da realidade. O cume ou a raiz da manifestação. Eles veem apenas o lado dela que é temporário, que está continuamente a mudar e vive portanto em limitação. Esta é a ideia de Mâyã. Quando algum ser se apercebe apenas da forma transitória e se identifica com ela, ele vive num mundo ilusório. No capítulo final do volume 3, GdeP aborda pensamentos extremamente subtis a que as várias escolas indianas chamam Mâyã.

Universo vivo

No volume 4 dos *Ensinamentos Esotéricos*, intitulado *Galáxias e Sistemas Solares; a sua Génese, Estrutura e Destino*, GdeP desce mais até aos limites do manifestado, como era, embora inicialmente ele aborde níveis existenciais que são quase de uma extensão e grandeza inatingíveis para nós. Ele trata primeiramente de galáxias, que são imensos grupos de estrelas. Ele foca-se no Sistema Solar Universal - que se situa acima do nosso “vulgar” sistema solar na Hierarquia Cósmica e então ele “desce” mais para o nosso sol e planetas.

Mas antes de fazer isto, ele para na ideia fundamental segundo a qual o universo - qualquer universo - é uma entidade viva, na qual tem lugar um troca incessante, uma interação entre todas as espécies de forças, de consciências, de vidas. Essa interação nunca acaba.

Cada universo nasce, experiencia o seu crescimento, a sua velhice e, finalmente, morre. Na simbólica linguagem do Oriente, isto chama-se os dias e as noites de Brahma. A metáfora da expiração e inspiração de Brahman também descreve esplendidamente esse processo. Quando é dia, há manifestação, há vida. E na noite de Brahman

há o descanso. Nós chamamos a isso morte, mas naquele sentido não significa ausência de vida, mas um estado de passividade ou de descanso desta vida.

O nascimento de um Universo

O princípio da ciclicidade, expresso na imagem da alternância dos dias e das noites de Brahma, significa logicamente que quando um Universo nasce, nunca o faz pela primeira vez. Isto é um pensamento essencial que se deveria sempre conservar na mente quando se considera o processo de nascimento de um universo - não importando quão grande o Universo possa ser.

Um segundo pensamento é o de que o universo é sempre muito maior do que aquilo que a gente vê, com a nossa limitada consciência, e o que podemos perceber que seja a partir do nosso ponto de partida no planeta Terra. O Universo é uma composição de muitas camadas; ele tem sete (ou dez) “departamentos”, mundos ou esferas, cada um dos quais pode ser subdividido em sete (ou dez) submundos.

Um Universo que vem à existência depois de um período de descanso é atraído para outros universos - e estes podem ser galáxias, estrelas ou planetas - e parte em direção a uma mancha kármica no Espaço. É criado um ponto. Este ponto dourado é chamado *Hinanyagarbha* em Sânscrito. É um ponto no mais etéreo mundo da hierarquia, do universo vindo à manifestação. Depois de muito éons, a corrente da vida entra num plano mais baixo. Isto tem lugar através de um “centro laço”, um “ponto desaparecido” que, evidentemente, quando visto de outra perspectiva, é também um “ponto de aparecimento”, através do qual a vida desce para outro plano cósmico. Desta maneira, é formado um universo. De facto, o nascimento de um ser humano não difere do de uma galáxia ou de um sistema solar, ainda que difiram nos detalhes.

GdeP fica-se na duração da formação de um planeta, ou antes, de uma cadeia planetária, pois cada planeta é um conjunto de sete (ou doze) globos ou centros. Um globo é uma unidade dentro de toda a composição da cadeia planetária. Usando um termo matemático, pode-se-lhe chamar um “subconjunto” de um plano cósmico. Assim, o globo no qual nós vivemos é parte de uma cadeia planetária. É o mais material de todos os globos. Os outros globos são invisíveis para nós.

Na fase final do processo de nascimento, o universo nascente passa através da fase de cometa. Quer o sol quer o planeta passam por esta fase. Durante o seu percurso como planeta o ser cósmico agarra todos os velhos tijo-



Um cometa é um planeta embrionário, um planeta em construção. Existem também cometas solares, que são as fases preliminares de um sistema solar. Na fotografia vemos o cometa Halley.

los de construção de que necessita para criar o seu novo veículo, tal como uma criança humana deve juntar outra vez todos os átomos de vida para construir o seu veículo. Um cometa que se torna num planeta será atraído para vários sois e planetas até que finalmente acha o seu relativamente fixo lugar num sol ao qual pertence karmicamente. Se o cometa se transformar num sol, então este cometa, atravessando pela galáxia, atraído e repellido por outros sois, encontrará exatamente o lugar certo onde ele poderá com facilidade transformar-se ele próprio num sol brilhante. A influência magnética dos doze signos do zodíaco joga um papel extremamente importante neste processo.

O zodíaco

No Volume 4, G de Purucker trata também extensivamente do Zodíaco, acerca do qual foram ditas em livros esotéricos tantas meias palavras e disparates. O Zodíaco é um grupo de doze pontos focais foháticos (isto é, compreendendo energia cósmica vital) representado por uma combinação de estrelas que karmicamente pertencem ao conjunto. Ele contém doze características diferentes e distinguíveis, cada uma das quais tendo o seu magnetismo fohático. Estes doze pontos focais foháticos projetam-se eles próprios para a esfera da terra como doze casas. G.de Purucker explica como os doze polos-força do zodíaco se expressam eles próprios sobre a terra e exercem a sua influência em todas as espécies de processos espirituais, psicológicos e mesmo materiais. Cada globo

da cadeia planetária é dominado por uma dentre aquelas forças zodiacais, mas isso não quer dizer que os outros onze estejam inactivos.

A doutrina é complicada porque tudo está interrelacionado e tudo trabalha através e dentro uns dos outros. Mas mesmo o pouco que nós somos capazes de compreender já nos dá um quadro tremendamente inspirativo de incontáveis seres vivos

Ovo Aurico

No Volume 4 há também um capítulo dedicado ao Ovo Áurico. Tanto quanto sei, em parte alguma da literatura teosófica se escreveu tão extensiva e claramente sobre este assunto.

O Ovo Áurico é muitas vezes confundido com a aura, mas GdeP nota que a aura é na verdade nada mais do que a parte mais pequena do Ovo Áurico, que pertence ao ser humano físico. O Ovo Áurico, contudo, expande-se por toda a constituição do homem, a partir da sua parte divina - *Âtman* - até ao corpo físico. Como o seu nome indica, ele tem a forma de um ovo. A aura, a mais pequena parte dele, pode ser percebida por algumas pessoas sensitivas.

Cada ser tem o seu próprio Ovo Áurico de qualidades correspondentes: planetas, sois, humanos. E mais uma vez pode ser reconhecida uma estrutura hierárquica. Há Ovos Áuricos dentro de ovos áuricos.

Cada Ovo Áurico é composto de sete características. Por consequência, através da ressonância, os seres podem comunicar uns com os outros, na suposição de que há características activas correspondentes. Assim, se as pessoas desenvolvem as características que seres mais desenvolvidos já desenvolveram, são então capazes de interagir com aqueles seres mais desenvolvidos. Não é este um pensamento inspirador?

Ciclos

Nestes Ensinos, o assunto dos ciclos não pode ser omitido, porque é um dos mais importantes ensinamentos em todo o campo da Filosofia Esotérica. Os ciclos mostram como a energia da vida flui em processos regulares e rítmicos. Numa grande parte da literatura teosófica encontraremos ensinamentos acerca de leis, pelo menos tanto como sabemos, mas GdeP enfatiza neste capítulo o

lado causal dos ciclos: “Como um tema de facto cada ser ou coisa que existe na Natureza Universal”, diz ele, em cima, em baixo ou no meio, é atualmente uma expressão de um ciclo ou uma pulsação rítmica na Natureza;...” (p.101-102).

Há um espantoso número de seres, todos existindo entrelaçadamente por causa de e através uns dos outros. Por consequência, há um espantoso número de ciclos e também ciclos dentro de ciclos. Quem quer que visualize todos estes ciclos deve ser uma pessoa muito sábia.

Neste capítulo, GdeP contempla fases, subfases e sub-sub-fases na evolução humana. Ele refere ciclos cósmicos que cobrem períodos de tempo incalculavelmente longos para nós, humanos. Muito clarificadora é também a sua explicação sobre os quatro yugas, as quatro idades dos hindus.

Ouvindo o professor

Naturalmente que estamos a resumir demasiado ambos os volumes com esta discussão. Há muitos mais ensinamentos que são ministrados; os ensinamentos são aí explicados com muito mais profundidade. Aqueles que estudam estes livros dar-se-ão conta disso rapidamente.

Em conclusão gostaríamos de dar um aviso para a leitura ou estudo destes ensinamentos esotéricos. E quando utilizamos a palavra “estudar” não pense num processo intelectual de pensamentos e de os recordar em esquemas ou linhas. Nem pense em memorizar termos sânscritos. Para além disso, cada volume tem um índice extenso, no qual pode procurar um termo particular. Estes volumes são certamente úteis como livros de referência. Mas se você só os usa daquela maneira, isso será lamentável e então perderá o essencial.

O que é impressionante em cada volume dos Ensinamentos Esotéricos é aquilo que se pode chamar o estilo falante de GdeP. Ele não é tanto um autor como um conversador, dirigindo-se à sua audiência, aos seus discípulos, que se alinharam eles próprios numa certa tonalidade, e adaptaram a atitude mental que é descrita tão intensamente nos volumes 1 e 2. Consequentemente, eles vibram com os ensinamentos dos quais o Instrutor fala. Os ensinamentos parecem algumas vezes abstratos, técnicos e muito afastados da nossa vida diária, por exemplo, quando ele fala da vida cósmica. Mas visto a partir da terceira das três proposições da Teosofia - como é em cima, é em baixo - não há ensinamento teosófico que nós não possamos traduzir aqui e agora para as nossas vidas diárias. Sim, se nós nos transformarmos nos próprios ensinamentos.

A relatividade do absoluto

Continuando desde o artigo anterior, gostaríamos de nos debruçarmos um pouco mais no Absoluto. Não apenas porque Gottfried de Purucker recebeu um pouco de críticas acerca da explicação deste conceito, mas principalmente porque uma correta compreensão dele clarifica a filosofia teosófica. Naturalmente, o oposto é também verdade: um conhecimento errado conduz a uma interpretação errada da Teosofia e portanto semeia as sementes da degenerescência.

Moksha

A palavra Absoluto é um adjetivo. Vem do Latim. *Ab* quer dizer “embora”, “de”, e *solvere* tem o significado de “dissolver”, “redimir”, “libertar”. Assim, “absoluto” quer dizer “libertado”, “redimido” ou “dissolvido”. Contudo, o Absoluto (um substantivo) adquiriu um significado diferente em Filosofia. Discutiremos isto mais tarde no artigo.

Em Sânscrito, há três palavras que querem dizer o mesmo que “absoluto”, no seu significado original: *Moksha*, *Mukti* e *Nirvana*. As primeiras duas palavras encontram-se frequentemente nas Escrituras Sagradas Hindus, enquanto *Nirvana* é uma palavra usada principalmente no Budismo. Todas as três palavras querem dizer “libertado”, “redimido” ou “dissolvido”. Ao contemplar estas palavras, aparece a pergunta: você está livre ou solto de quê?

Você está livre dos elementos mais baixos. Aqueles elementos fluem do

topo da hierarquia ou cosmos do qual você faz parte. O cimo é chamado o UNO, porque todas as diferenças se dissolvem lá. Não há diferenciação. Pode chamar-se a este topo o Absoluto que afinal de contas quer dizer “Ser dissolvido”.

Quando se alcança o estado de Absoluto, está-se livre do ciclo da existência material, a roda giratória da vida e da morte. Todos os elementos mais baixos que nos trouxeram à ilusão, foram deixados para trás. Todavia, não se deve interpretar isto no sentido de que se está livre sempre e para sempre, de que não haverá mais mudanças na eternidade, não, estamos libertos apenas de uma hierarquia específica à qual nós pertencemos. Quando você se identifica com aqueles elementos mais baixos, você perde a visão de quem você realmente é e de onde vem. Você vive num mundo ilusório auto imposto, que não reflete a realidade. Disto você está livre. Você viu para além do lado ilusório

Pensamentos-chave

» Absoluto quer dizer “libertado”, “encontrado” ou “determinado”. Contudo, a palavra foi tomada em diferentes sentidos na Filosofia Ocidental.

» Em Sânscrito, Moksha, Mukti e Nirvana querem dizer o mesmo que “Absoluto”, no significado original.

» Há muitos Absolutos. Cada Absoluto é um ponto de partida, um ápice, um objetivo da hierarquia.

» O Absoluto é relativo porque é descrito para outras consciências e sujeito a crescimento.

das coisas e está separado disso. Os elementos mais baixos foram varridos, sendo isso o real significado do Nirvana e você está conscientemente unido ao cimo da hierarquia. Todavia, chegou já ao fim da etapa? Já atingiu o cume do TODO? Há um limite para o Universo? A Teosofia afirma que isto nunca pode acontecer. Moksha ou Nirvana são portanto conceitos relativos. Portanto, deve haver muitos Absolutos.

Muitos Absolutos

Como foi revelado na discussão do Volume 3 de *Ensina-mentos Esotéricos* desta Revista, segundo G. de Purucker, há na verdade muitos Absolutos. Cada Absoluto é o ponto de partida, a raiz, o germe de uma hierarquia, Ele é a raiz da árvore metafórica radicada no céu. Ele é o começo e o ponto final da evolução de inumeráveis multidões de mónadas que emanam daquele cume, ganham as suas experiências, desenvolvem, isto é, desdobram capacidades e poderes- e então, enriquecidas pelas lições aprendidas, regressam ao Todo, ao Absoluto, no qual estão enraizadas. Portanto, há muitos Absolutos, muitos Uns, porque no espaço ilimitado não há logicamente pontos finais, não há fronteiras. Assim, há inumeráveis hierarquias, cada uma com o seu Absoluto. Portanto, o Absoluto é sempre relativo porque está sempre em relação com outros Absolutos. Tome o nosso Sol como um exemplo. O Sol – e por Sol nós queremos referir a entidade espiritual divina que trabalha atrás ou dentro do Sol visível para nós – é o começo absoluto ou o ponto final da multidão de mónadas que emanam do Sol e que eventualmente fluem para ele. Elas formam e pululam o sistema solar. Mas acima, ou mesmo mais no interior, além da nossa Hierarquia do nosso Sol, do nosso Absoluto, há ainda um ser mais divino e universal, que em Teosofia se chama Rāja Sol, o Rei Sol, o qual é portanto mais avançado, mesmo maior e divino na sua consciência do que o nosso Sol. E atrás dele ou acima dele vive mesmo uma entidade maior, e assim até ao infinito. O Absoluto é, portanto, relativo neste sentido, que está ele próprio sujeito a crescimento. Há um comentário de G de Purucker que causou muita surpresa e mesmo reprovação, no qual ele afirma que cada Absoluto foi outrora um ser humano. Mas se se compreender a relatividade de cada ponto de partida do Absoluto, então tudo se torna lógico. Mesmo para um Absoluto, ele não foi sempre o que é agora, e não será sempre o que é hoje. A este respeito, mesmo um ser humano é um Absoluto. Ele é o cume, o Uno, o Cosmos, dentro do qual incontáveis multidões de outras mónadas vivem, se movem, e têm a sua existência, para-

fraseando a afirmação do apóstolo Paulo (*Actos*, 17,28), uma afirmação que foi apreciada por G de Purucker. Tal como trilhões de seres - células, moléculas, átomos - vivem, movem-se e têm as suas existências dentro de nós, assim nós vivemos como uma parte integral naquilo que é Absoluto para nós – o Sol. Mas este Absoluto é um ponto final? Não há nada mais além disso? Será que o nosso crescimento para aí? É claro que não. Há sempre mais, mais profundo dentro de nós. Então nós vamos para o Absoluto do Rāja Sol, para o Absoluto da Via Láctea composta de biliões de sois. Será esse o limite? Não. Não há limites. Há sempre mais e mais e maior.

O Absoluto na Filosofia Ocidental

Na Filosofia Ocidental, a palavra Absoluto adquiriu um significado que não só deforma o significado original da palavra, mas que é ela própria também ilógica. O Absoluto refere-se a um ser que transcende todas as limitações. Diz-se que é o patamar divino de tudo o que existe. Com Nicolau Cusano, (século XVI) o termo adquiriu o significado que ainda tem hoje; que é determinado por si próprio, que é completo por si próprio. Alguns filósofos, portanto, olham o Absoluto como uma abstração impessoal, como o Todo.

É também neste sentido que H.P. Blavatsky usa a palavra em algumas exemplos. Por exemplo, no Prólogo de *A Doutrina Secreta*, escreve ela quando explica a natureza impessoal de Parabrahman:

Porque não pode haver nem dois infinitos nem dois Absolutos num Universo supostamente ilimitado.1 Pois que é impossível existirem dois Infinitos ou dois Absolutos em um Universo, que se supõe sem limites.⁽¹⁾

Ao explicar a primeira proposição sobre o princípio ilimitado, escreve ela:

O Absoluto, o *Parabrahman* dos Vedantinos ou a Realidade Una, SAT, que é, como disse Hegel, ao mesmo tempo Absoluto Ser e Não-Ser.⁽²⁾

Claramente que ela contactou com Hegel e outros filósofos ocidentais. Para se fazer ela própria compreender um pouco, ela usava a linguagem que era comum na filosofia ocidental. Mas o facto de ela saber que a aplicação desta palavra neste sentido é factualmente incorreta é claro no seu Glossário Teosófico. Ela define a Absolutidade desta maneira:

Quando é pregado um PRINCÍPIO UNIVERSAL, damos conta de um substantivo abstrato, o qual é mais correto e lógico do que aplicar o adjetivo “absoluto” o qual não possui nem atributos nem qualificações nem pode ter nada disso.⁽³⁾

Por outras palavras, logo que se fala em conceitos impessoais e abstratos, tais como Ilimitado, Infinito ou Espaço, é melhor não o referir com o adjetivo absoluto.

Que ela entendia o Absoluto que pode ser relativo é também muito claro nos *Comentários à Doutrina Secreta* nas reuniões dela com os seus estudantes. O tema em discussão é o absoluto não-ser e o absoluto não-manifestação.

Menciono o não-ser absoluto do ponto de vista dos nossos intelectos finitos e relativos. Isto é o que faço, mas de maneira nenhuma o que seria, porque, isso que é, para nós, absolutidade, talvez, se você fosse a um Plano superior, seria algo relativo para aqueles do Plano acima.⁽⁴⁾

Atenção à degenerescência

Agora você pode objetar que o uso da palavra não é importante, à medida que a ideia chega. Isso pode ser verdade, mas o uso frequentemente errado de uma palavra pode facilmente levar-nos a falsas interpretações. Quando nós falamos em “absoluto” no sentido diferente do que ele tem etimologicamente, degradamos o significado original da palavra. Absoluto não que dizer “sem fronteiras” (ilimitado), mas sim “realizado”, “libertado”. Uma interpretação errada deixa a porta entreaberta para uma imagem antropomórfica: o Absoluto degenera para outra designação do Deus Todo Poderoso. Esse deus, contudo, guarda a sua infinidade e ilimitação. E assim está criada uma mistificação filosófica e religiosa: um ser infinito, que é uma contradição nos seus termos, uma contradição em si própria. Um ser nunca pode ser infinito e ilimitado. Se é infinito e ilimitado, nunca pode ser um ser, teria que ser tudo. Não seria nada que se pudesse olhar a si próprio num espelho. Então não é um ego. Então o processo de degenerescência deve continuar. A “divindade infinita” adquire mais e mais atributos: aqueles atributos adquirem cada vez mais características humanas e eventualmente temos de tratar com um deus todo poderoso que ama algumas pessoas mais do que outras e que pune pessoas eternamente se elas não vivem de acordo com os seus mandamentos.

Perguntas

Mesmo no meio dos seus próprios estudantes, a explica-

ção de Gottfried de Purucker acerca do Absoluto levantou problemas. *Studies in Occult Philosophy* contém um relato de uma conversa que GdeP teve com os seus estudantes. Teve lugar num sítio informal. Os seus alunos falaram livremente. O tópico é o Absoluto. Um estudante opõe-se como De Purucker usa esta palavra. Ele afirma que os filósofos ocidentais usam simplesmente esta palavra no sentido de ilimitado, de infinito. Seguramente que não há nada de errado nisso. (Estou a transcrever as suas palavras.) Ele compreende que De Purucker está a enfatizar a derivação etimológica da palavra, de modo que se pode ver a semelhança com as palavras como Moksha. Mas este estudante pergunta-se se é sensato fazer isto. Depois de tudo, não se deve usar a palavra “absolutidade”. O Prof. De Purucker responde:

(...) escolha aquela palavra deliberadamente e tente mostrar a inexactidão do uso desta expressão “O Absoluto” no Ocidente, com o propósito de significar “Infinidade ilimitada”- Trata-se não só de um erro etimológico mas também lógico e eu desejava realçá-lo. A palavra, tal como nós a usamos, é uma chave para grandes coisas.

Mas isso origina criticismo, ripostou o estudante.

Eu não me oponho ao criticismo, ele traz comentários e pensamentos. A minha prática, fora de mais alguma coisa, tem a virtude de ser certa, de ser filosoficamente exata, empregando uma palavra nos seus sentidos próprio, original, exato, etimológico e, melhor do que tudo, é uma chave maravilhosa para coisas maiores. É perfeitamente indiferente para mim se todo o Ocidente usa a palavra de uma forma errada. Porque eu vou usá-la de forma correta, se por esse uso posso achar um novo pensamento chave, a indicação de um caminho para a consciência e dar uma chave para uma doutrina maravilhosa. Percebe agora? Se se trata de comentários e criticismo, como de facto sei que acontecerá, tudo bem.⁽⁵⁾

Parabrahman

Aquela chave, à qual De Purucker se refere na passagem acima, é a ideia de ilimitação, de Espaço sem limites, dentro do qual “centelhas divinas”, “universos”, “mónadas”, constantemente aparecem e desaparecem e na qual, durante o período de existência ativa, cada ser tem a oportunidade de crescer em consciência. É este novo conceito, esta “teoria do todo”, como foi chamada em 2020 no Simpósio da Sociedade Teosófica de Point Loma⁽⁶⁾, que deve cons-

tituir uma nova religiosidade, uma fundação filosófica e científica. Nela não há lugar para a criação de um deus distinto do Cosmos.

Aqui está porque é que De Purucker explica com tanta precisão que o Absoluto não pode ser o ilimitado ou o espaço “per se”. Eis porque é que, em muitos lugares da sua volumosa obra, ele fala do conceito de infinito no Oriente, Parabrahman. Trata-se de um conceito melhor do que palavras negativistas, tais como “Infinito” ou “Limitação”. Que afinal dos contos querem dizer *não* ter fim, *nem* ter limites. Parabrahman quer dizer “para além de Brahman”. Brahman é a suprema hierarquia do nosso cosmos, o Absoluto.

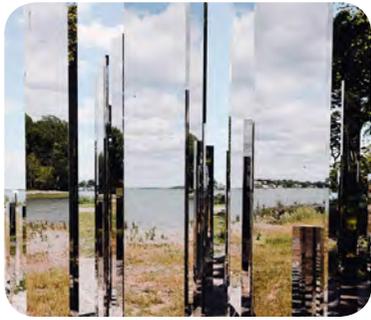
Ele permanece, por assim dizer, no horizonte da nossa consciência, dos nossos poderes de percepção. Além disso, contudo, alargam-se os campos do SER. Parabrahman não é, portanto, um ser, é ESPAÇO “per se”

Parabrahman está intimamente relacionado com Mūlaprakṛti, raiz da natureza ou da natureza original. Mūlaprakṛti é o lado expansivo, o lado de espaço de Parabrahman, o qual pode ser descrito como o lado da consciência. Trata-se de conceitos abstratos. Eles referem-se simplesmente à expansão infinita do espaço.

Parabrahman-Mūlaprakṛti poderia ser chamado o círculo simbólico do ZERO. O oceano sem margem do ser. O ápice, o começo de cada manifestação naquele espaço ilimitado, o Absoluto, é o UNO daquele particular Universo. Dele fluem o Dois, o Três e depois todas as coisas. Pelo próprio uso do Absoluto, diz Gottfried De Purucker, ele espera conseguir uma nova chave no pensamento, que pode apontar para uma via da consciência, e prover uma chave para um ensinamento maravilhoso. Podemos certamente concordar com isto e ter esperança de que isto dará a cada um de nós aquela chave.

Referências

1. H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, pág. 4. [*A Doutrina Secreta* I, Vol.1 página. 117 da edição em português, Editora Pensamento (N.E.)].
2. Veja referencia 1, pág. 17 [*A Doutrina Secreta*, Vol. 1, página 128 da edição em português, Editora Pensamento (N.E.)].
3. H.P. Blavatsky, *Theosophical Glossary* [Glossário Teosófico], Apontamento “A Absolutidade” (Esta obra não foi publicado depois do falecimento de H.P. Blavatsky e não recebeu a sua aprovação final).
4. H.P. Blavatsky, *Comentários sobre A Doutrina Secreta, As Instruções não publicadas de 1889*, Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa, Portugal, 2020, p. 240.
5. Fundação I.S.I.S. The Hague, 2010, p.517-222 (cópia a partir de Blavatskyhouse.org)
6. G. De Purucker, *Studies in Occult Philosophy*, p. 517-22 (cópia a partir de blavatskyhouse.org) *Lucifer, the Lightbringer*, (edição inglês), vol. 8 nº 4, Simpósio de 2020, *A Doutrina Secreta, a Teoria do Tudo* (cópia a partir de blavatskyhouse.org).



A memória colectiva

O Plano Astral: armazém das nossas experiências

Se você assume um campo etérico que está rodeando e adentrando a terra, você pode compreender melhor todas as espécies de enigmas e desordens psicológicas. A Psicologia daria um grande passo se assumisse a existência da luz astral.

Pensamentos-chave

- » A luz astral é um campo coletivo, no qual todos os eventos estão indelevelmente gravados. É o repositório de tudo o que acontece na terra.
- » Há uma interação e uma troca constantes de energias entre o plano astral e o plano físico.
- » A Luz astral tem muitas graduações.
- » O seu carácter ou estado mental determina aquela parte do plano astral para a qual você é atraído.
- » Perde o controle da sua mente, ou por psicose ou por uso de drogas, você abre certas imagens do plano astral.

A psicologia de hoje defronta muitos problemas que ela dificilmente pode resolver. O número de pessoas confusas que causam problemas no domínio público está a crescer de forma alarmante. Há pessoas com desilusões e psicoses que não sei se são ou não causados por excessivo uso de álcool e de drogas. As alucinações são às vezes tão fortes que levam a pôr pessoas em situações perigosas ou então atacam outras de forma agressiva, enquanto só horas mais tarde já não se recordam mais do seu comportamento. Tudo se passa como se a sua consciência não se recordasse daqueles acontecimentos. Com uma população idosa em muitos países ocidentais, há também cada vez mais pessoas dementes; pessoas que parecem ter perdido toda a memória. Em contraste, há pessoas que não conseguem controlar as suas memórias. Sofrem de síndrome de stress pós-traumático (PTSS). Esta experiência traumática, causada na infância ou numa situação de guerra, consegue impr-se à sua própria consciência.

Cérebro

Como explicar estas desordens mentais e doenças depende do que se possa entender por seres humanos. O que é um ser humano? O ser humano é um corpo ou o ser humano *tem* um corpo? No primeiro caso, olharemos para a causa destas doenças, que são muitas vezes acompanhadas por grandes sofrimentos, no corpo e especialmente no cérebro.

A psicologia materialista, portanto, explica estas doenças através dos trabalhos do cérebro, O cérebro é um órgão extremamente complicado, que tem ainda por revelar muitos dos seus segredos, não obstante as muitas técnicas modernas que nós usamos para o estudar.

Se se atribuem as causas dos problemas psicológicos ao cérebro, podemos procurar as soluções no cérebro. As drogas que os psiquiatras administram, tais como antipsicóticos e antidepressivos, têm também como objetivo exercer influência sobre o cérebro. Que às vezes na verdade reduzem os sintomas, mas de modo geral só temporariamente. Nós ainda

acreditamos que a causa real de algum problema psicológico não reside no nosso cérebro.

Um mundo além do mundo físico

As explicações materialistas são inadequadas. Na nossa opinião, elas são largamente motivadas pela tendência a comparar o nosso cérebro a um computador. O cérebro, porém, não é um computador e não funciona como tal. O cérebro é um órgão vivo no qual as células estão constantemente morrendo e outras novas estão a nascer. Como poderiam aqueles desaparecimentos e aparecimentos de células servir como uma memória!

A Teosofia ensina que o cérebro é uma conexão ou antena para alguma coisa que trabalha atrás e através dele. No nosso ponto de vista, a principal limitação da psicologia materialista é que ela não quer considerar que há mais do que substância física, que é, diga-se a propósito, substância viva. A ciência daria um grande passo adiante se o fizesse. Vamos ver que novos sinais e explicações podem ser obtidos se se toma como hipótese que “atrás” e “dentro” do mundo físico há outro mundo mais etéreo. Esse mundo mais etéreo não está separado deste mundo por nós conhecido. Mas não é perceptível aos sentidos físicos.

O físico também assume forças invisíveis, leis naturais, tal como a lei da gravidade. Nós não sabemos o que são estas leis naturais, mas deve saber-se que elas existem.

Do mesmo modo, podemos assumir que existe um mundo atrás dos fenômenos, e ver se nós podemos usar isso para explicar coisas como psicoses, alucinações e visões.

As alucinações são uma realidade para aqueles que as têm

O que é que está a acontecer com as pessoas que sofrem de psicoses ou alucinações é que eles estão convencidos de que o que estão a ver ou ouvir é real. Não há dúvida em afirmar perante eles que estão alucinados e que a realidade está noutro lado. Eles não têm nenhuma dúvida de que o que eles percebem é real mesmo se é invisível ou inaudível para outros. Felizmente, há alguns momentos lúcidos. Nestes momentos, uma boa conversa torna-se possível e faz sentido.

Se se explicam as suas alucinações por uma certa anormalidade cerebral ou por um excesso ou deficiência de certas substâncias no cérebro, então está-se a negar completamente que alguém com psicose vê ou ouve realmente alguma coisa. Pode ser, porém, que a sua explicação seja falsa e que na verdade ela perceba alguma coisa, embora não com os sentidos físicos. Então tem de haver evidente-

mente um campo coletivo a partir do qual se pode atrair certas realidades se se for sensível a isso. Uma pessoa pode atuar nessa área com a sua consciência, quer ouvindo vozes, quer vendo imagens, recebendo instruções de outros seres, etc. Também pode ser, na hipótese de uma perturbação causada por stress pós-traumático (PTSS), que se regresse constantemente a um mundo no qual se vagueia desorientado e no qual nunca se pode nem lutar nem escapar de um perigo horrível por que se passou alguma vez. Por outras palavras, nessa situação está-se outra vez a viver um trauma passado. Esse trauma acaba por ser uma realidade para a pessoa. Mas também se pode dar o caso de se ter cortado quase completamente com uma certa parte desta situação, de modo a que já quase não se tenha memória de todas as fases do seu próprio passado, como é o caso de pessoas idosas atacadas de demência.

Luz astral

A Teosofia ensina que o nosso mundo físico, atualmente, não é mais do que uma camada grosseira do mundo astral. Esse mundo astral, tal como o nosso mundo, consiste de *blocos de construção vivos*, que são, todavia, constituídos por uma substância tão etérea que se tornam imperceptíveis aos nossos sentidos físicos. Nos nossos dias e nesta era, quando é sabido que tantas forças e fenômenos não podem ser percebidos pelos sentidos, esta ideia não deveria ser difícil de entender. Tal como certas radiações podem passar através de paredes de pedra, assim a substância astral é de uma natureza diferente e mais subtil do que a substância física. O plano astral está portanto não só dentro mas também a rodear o plano físico.

Esta luz astral é uma *área coletiva*, na qual todos os eventos são indelevelmente registados. Ora, naturalmente, as pessoas têm, em maneira de ser, numerosas e diferentes experiências. Cada experiência é armazenada num departamento caracteristicamente correspondente. Dizendo por metáforas: para cada específica experiência, há um cacifo especial. Basicamente, ele é acessível a todos os humanos. Podemos conduzir a informação para cada “departamento”, se queremos lembrar-nos outra vez daquele estado específico da mente dentro de nós próprios. Se temos experiências mais conscientes, a impressão torna-se mais forte, o que torna mais fácil revivê-la outra vez. *Todos* os pensamentos, sentimentos e ações de todas as pessoas deixam uma impressão na região astral. Ela é, portanto, um repositório de tudo o que acontece na terra. Ela é muitas vezes comparada a uma *galeria de retratos* porque ela contem as impressões de todos os modelos

mentais que alguma vez foram pensados. Pode-se chamar a isso memória coletiva porque é composta da memória coletiva de todos os humanos.

Pensar consiste na percepção de pensamentos. A consciência humana foca-se num pensamento ou num conjunto de pensamentos de um certo carácter ou qualidade, interpreta-os e, portanto, reforça também o pensamento. Outros pensadores podem portanto interpretar aqueles pensamentos mais facilmente. Deste modo, os pensamentos passam de um para outro. As ideias formam-se em conjunto e os registos são feitos coletivamente no plano astral.

Nunca se está atraído ao acaso para uma particular impressão astral. Evocam-se apenas aquelas imagens que correspondem a características que estão dentro de nós próprios. Assim, alguém que não sabe odiar nunca se sentirá atraído para pensamentos de ódio. E alguém que é sempre positivo e construtivo na vida nunca evocará uma imagem astral cínica ou niilística.

Pensar é um processo em que se está constantemente a enviar e a receber pensamentos. De acordo com as características dos pensamentos enviados, assim recebe pensamentos. Se se pensam pensamentos de um certo estado da mente e com uma determinada coloração, então receberemos pensamentos e sentimentos com as mesmas características. Por exemplo, se você tem tendência para a melancolia, está a abrir uma porta na sua consciência através da qual mais facilmente apreende impressões melancólicas da luz astral.

Todos os pensamentos estão presentes na luz astral. Ela também contém pensamentos nobres e universais. Os pensamentos de todos os grandes instrutores mundiais e mesmo os de mais avançada consciência do passado e do presente marcaram também um registo na luz astral. Podemos, portanto, usar, por exemplo, o conhecimento de Platão ou Buddha, se queremos enobrecer o nosso carácter, assim acedendo nós próprios às partes espirituais dos mundos astrais.

A Interação entre o plano astral e o plano físico

A esfera astral não está separada do nosso mundo físico. Pelo contrário. Há uma constante interação e trocas entre estas duas esferas. Como foi mencionado acima, cada acontecimento deixa uma impressão ou marca no mundo astral. Mas, inversamente, estamos também constantemente a ser influenciados por ele. A vida “flui” em ambos para “cima” e “para baixo”, e de “baixo” para “cima”. Atualmente, o nosso mundo nada mais é senão a parte grosseira ou as escórias da matéria astral.

A esfera astral não é homogênea. Tem várias estratifica-

ções qualitativamente diferentes. Perto da esfera física, ela está poluída pelos desejos e sentimentos egoístas humanos, Não é um lugar agradável para estar. Há também subdivisões neutras. Os seus limites mais elevados são os mundos mais espirituais, chamados Ākāśa. A substância astral é atualmente a precipitação do Ākāśa. Nós podemos também ascender ao Ākāśa se desenvolvermos em nós próprios características nobres e altruístas. Os pensamentos e ideias impessoais, abstratas, pensamentos e ideias perspicazes e de unidade são registadas nesta área. Estas diferentes estratificações na região astral correspondem a diferentes características na nossa consciência. Os aspetos mais terrenos da nossa consciência, tais como certas emoções ou desejos, pertencem às regiões mais baixas do plano astral, enquanto os nossos aspetos mais altruístas, mais compreensivos e espirituais pertencem à esfera do Ākāśa. Não há fronteiras rígidas. Uma fronteira mergulha gradualmente na outra.

Na verdade, não há nenhum fenómeno natural na terra que possa ser adequadamente explicado sem envolver a luz astral. Isto é igualmente verdade no que respeita aos alimentos psíquicos. Ilusões, alucinações e visões acontecem porque as pessoas apercebem-se das imagens através da luz astral.

As ilusões são reais?

As pessoas que sofrem de ilusões ou psicoses devido a abuso de drogas ou de álcool, na verdade apercebem-se de alguma coisa. Embora estas não sejam tanto percepções dos sentidos físicos, mas mais com as camadas mais baixas da nossa mente. A mente olha na luz astral e apercebe-se de alguma coisa.

Contudo, isso não significa que a *experiência* dessas pessoas a partir das suas observações seja conforme com a realidade. Porque certamente não é. Porquê isto? Porque em muitos casos eles interpretam erradamente as observações. Embora eles estejam convencidos do contrário, a explicação das imagens que eles veem é muito errada. Trata-se da “sua” realidade.

Deixem-me tentar explicar isto com um exemplo do nosso mundo físico. Quase todos nós vimos em certa altura uma estrela cadente. Se não soubermos nada de astronomia, pode-se pensar que se viu atualmente uma estrela a “cair”. Contudo, aquela interpretação é incorreta. O que se vê atualmente é um meteoro ou algum outro objecto que entra na atmosfera da terra, e arde, o que faz criar em nós a impressão de uma estrela que cai (uma estrela cadente). Nos nossos dias há muito poucas pessoas que têm co-

nhcimentos de astronomia. Eles estão, portanto, coletivamente sujeitos à “ilusão da estrela cadente”. Quanto mais pessoas acreditam nisto, a impressão deste fenômeno no plano astral torna-se mais profunda e clara. Note-se: o fenômeno em si é real. Há realmente um “flash” de luz no céu noturno. Mas a explicação para isso não é correta.

Coletividade na percepção

Com efeito, a mesma coisa ocorre com uma quantidade de pessoas que fazem uma observação no plano astral. Tal como foi mencionado aquela área tem muitas camadas. É como se fosse uma casa com muitos quartos. Você é dirigido exatamente para o quarto que corresponde ao seu carácter, ou ao nível de consciência que você tem num dado tempo.

Por exemplo, os filmes de terror são muito populares. São mostradas as cenas mais terríveis, as quais, apoiadas em certas músicas, aterrorizam o espectador. Os humanos são seres estranhos. É justamente o que lhes repugna e lhes desperta o medo que os atrai mais fortemente. Ainda que lhes cause algumas noites sem dormir por causa disso, eles continuam a ver aqueles filmes. Assim, cada pensamento ocasiona um registo ou impressão na luz astral. Assim, pode imaginar que, quanto mais pessoas veem esses filmes de terror, este “departamento” da luz astral fica cada vez mais amplo e forte.

Suponhamos agora que um fan destes filmes perde o controle de si próprio, por exemplo, por estar sob a influência de drogas, ou por ter uma febre alta ou uma psicose. Ele é então atraído por essa parte da nossa *memória coletiva*, na qual essas imagens estão registadas. Pode mesmo ser atraído para elas durante o sono, resultando num pesadelo. Se alguma coisa se partiu na sua consciência, de modo a que os seus níveis mais elevados não estão mais ativos, você pode tomar estas imagens como uma realidade. Já não as pode colocar como perspectiva ou no seu próprio contexto e você passa a estar, como esteve, absorvido por elas.

Não controlar o pensamento

Na verdade, todos os alimentos psíquicos, não importa quão diferentes possam parecer, são devidos a falta de controle sobre a sua mente, temporária ou permanentemente. Em resultado disso, as imagens da luz astral sobrecarregam a mente de forma não filtrada e incontrolada. Com o domínio do pensamento, pode-se conscientemente fechar partes da esfera astral ou, ao contrário, focar conscientemente a mente em qualquer coisa que escolhermos para apreender nela. Se se não domina os nossos pensamentos ou os não

dominamos suficientemente, pode involuntariamente achar-se nela ou perder-se em certas partes da luz astral. Veja-se o caso de PTSS (stress pós-traumático). As pessoas que sofrem desta doença são incapazes de se libertar desta experiência traumática. Eles abriram uma porta de tal modo larga que a experiência traumática, registada numa certa secção da luz astral, continua a feri-los constantemente.

No caso dos idosos dementes, ocorre o inverso. As partes mais elevadas da mente estão amplamente esbatidas. As capacidades de se exprimirem foram-se apagando nelas. Alguma coisa se apagou. O resultado disso pode ser que um idoso ou uma idosa já não se poderá focar na “subdivisão astral” que contem as impressões do seu passado. Ainda que eles o quisessem, não poderiam jamais fazê-lo. Tais pessoas idosas podem ser atacadas por toda a espécie de outras imagens astrais que eles não interpretam corretamente, que por outro lado podem trazer medo e ilusões. Pode também acontecer que eles estejam completamente abertos a algumas impressões do plano astral, muitas vezes fragmentárias, e que ocorreram na sua juventude e que as faz pensar que ainda são jovens.

Como se disse antes, o carácter da pessoa determina a influência da sua experiência. Mesmo que seja demente, mas através da sua vida tenha sido um modelo de sacrifício, amor e humanidade, você experimentará automaticamente a influência das mais amorosas correntes do plano astral, mesmo que não se lembre do que é que fez no passado. Sabemos de um caso de uma senhora idosa que passou toda a sua vida sacrificando-se pelos outros. Toda a sua vida foi sempre cheia de amor por todos. Numa idade avançada, ela entrou no hospital e perdeu a sua memória. Mas ela irradiava tanta paz e bondade que as enfermeiras vinham para o seu quarto descansar.

Se recordar de alguma coisa é “olhar para cima” para as auto fabricadas impressões no mundo astral. Algumas vezes, isso acontece espontaneamente. Quando você visita a sua velha casa ou encontra velhos amigos da escola, você regressa de repente àquela parte do plano astral na qual aquelas impressões estão armazenadas. Você lembra-se de toda a espécie de detalhes da sua infância.

Responsabilidade coletiva

No caso de distúrbios mentais, a pessoa acede a certas partes da luz astral, que interpreta erradamente. Aquelas impressões nunca são registadas por um só indivíduo. Estamos a influenciar-nos constantemente uns aos outros. Vejamos o exemplo de um filme de terror. Não é incon-

cebível que o diretor e os atores daquele filme não sejam de modo nenhum afetados pelo filme que estão a fazer. Eles devem lembrar-se com um sorriso do falso sangue e da gargalhada do assim chamado zombie, que era suposto causar terror. Eles não têm pesadelos. Nem nenhum deles que esteja sóbrio sofre com aqueles filmes. Mesmo que os criadores do filme, tanto quanto aqueles que o veem, contribuam para a imagem astral. Se alguém engendrou estas impressões e atribuiu uma certa realidade a estas imagens, então eles são também responsáveis por isso. Se alguém sofreu terrivelmente por causa daquele filme de terror, é em parte por causa deles.

Da mesma forma podemos ser responsáveis por acessos de raiva emocionais e maus comportamentos por parte dos nossos “irmãos mais fracos”. Mesmo os “bons cidadãos” podem pensar as coisas mais terríveis ao tornar tão poluídas as partes baixas da luz astral e fazer atrair fortemente aquelas pessoas que têm pouco ou nenhum controle sobre elas próprias. Os insultos ou invetivas no Twitter, por exemplo, não são apenas devidos à desinibição daqueles que põem tais mensagens, mas também a todos aqueles que pensam tais pensamentos. Os “irmãos mais fracos” não são mais do que os termómetros que mostram que toda a sociedade está doente.

Em especial na sociedade moderna, com comunicação massiva e social, as pessoas a viver em diferentes partes da terra, constroem a mesma imagem astral. Por exemplo, por todo o mundo há, justificado ou não, medo do corona vírus. Então foi criada uma imagem astral coletiva. Toda a sociedade partilha a responsabilidade por todos aqueles humanos que sofrem psicologicamente ou estão fortemente abertos às emoções e pensamentos dos outros. Por exemplo, nós não podemos entretermo-nos a nós próprios com filmes de terror sem consequências. Nem se protegerá do ressentimento e do ódio sem consequências, mesmo que não traduza o ódio em ações. Acima de tudo, pensar ideias deixa a sua impressão ou reforça a impressão que já existe.

Mudança rápida de humor

O conhecimento da poderosa influência que as imagens astrais podem ter em nós muda a nossa visão sobre um grande número de temas psicológicos. Tem-se uma melhor compreensão de como é possível para alguém mudar de humor tão rapidamente. Muitos que trabalham em cuidados psiquiátricos têm experiência de como clientes podem mudar de um humor para o seguinte. Estão a falar amavelmente e, num instante, sem causa aparente,

mudam para uma pessoa agressiva e violenta.

Uma pessoa que muda regularmente de humor é também importante no que respeita ao tema da eutanásia. Já foi estabelecido recentemente que a vontade de morrer nos idosos não é absolutamente estável. Se um idoso passou um fim de semana só no seu apartamento, ele acredita sinceramente que a morte é a melhor solução para ele. Se ele, porém, tem uma conversa agradável com o seu vizinho na segunda-feira, aquele desejo da morte já não está lá. Especialmente com as pessoas que são capazes de fazer alguma coisa por outra pessoa o desejo de morte desaparece. Eles abrem então a porta para outra parte do plano astral.

O mestre (dono) do pensamento é o mestre (dono) do plano astral

A solução para o grande sofrimento psíquico dos nossos companheiros seres humanos reside em tentar dominar a mente. E para ser claro, dominar não quer dizer expulsar alguma coisa. Não, nós devemos ser donos dos nossos pensamentos. E isto só é possível se vivermos nas partes mais elevadas da nossa mente, com as quais nós podemos controlar as mais baixas. Então habitaremos apenas naquelas partes do astral — ou mesmo melhor: Ākāśa, aquilo que nós conscientemente escolhemos.

Evidentemente, para um doente mental é muito difícil conseguir esta maestria. Muitas vezes estas partes mais altas estão (temporariamente) ausentes. Eles não têm acesso a elas. Isto pode ser devido ao uso abusivo de drogas, por exemplo. Apesar disso, no processo da saúde isto não pode ser enfatizado.

A psiquiatria corrente olha para o processo da saúde principalmente a partir do cérebro. Todavia, como foi referido acima, o cérebro é só um sinal, uma interconexão entre o ser humano físico e astral. Ele conduz impressões do astral para o físico e vice versa. As imagens e impressões da esfera astral são “transportadas” através do cérebro para o mundo exterior.

A medicação ou as drogas inibem ou estimulam esta transferência. Por exemplo, se você toma antidepressivos, certas “impressões” ficam inibidas. Isso não quer dizer que essas impressões já não estejam lá, mas sim que elas já não se podem expressar. As pessoas que tomam estas drogas não têm, pois, consciência dos seus pensamentos depressivos, mas frequentemente já não os “sentem” mais com intensidade. As drogas como a heroína e o álcool, por outro lado, abrem com frequência as portas para toda a espécie de sentimentos e imagens descontroladas. Por exemplo,

uma pessoa calma e tímida pode transformar-se num atrevido sob a influência do álcool. Estas características não são criadas pelo álcool, mas o álcool ocasiona a que essas pessoas se expressem elas, usualmente em detrimento da pessoa em questão.

A medicação nunca pode providenciar uma solução definitiva. Ela tem um efeito sobre o cérebro. Ela “amortece” ou “estimula” certos processos no cérebro. Prevenindo ou aumentando a influência astral de maneira a ganhar forma em nós. Não se deve passar sem se dizer que isto apenas pode atuar temporariamente. Entrando no verdadeiro problema, que está na mente, isso requer uma aproximação fundamentalmente diferente: conversação em ordem a levar o cliente a compreender e controlar o seu pensamento. A verdadeira cura ocorre quando o ser humano já não está mais amarrado àquelas partes do plano astral que lhe causam sofrimento.

Não são só os pacientes que algumas vezes se sentem perdidos no labirinto do astral. Quantas vezes isso acontece quando uma pessoa diz ou faz alguma coisa com raiva, o que ela depois lamenta mais tarde. Tal pessoa abre de repente uma janela na sua consciência, através da qual uma forte tempestade astral vai assoprar.

Quando se chega a dominar completamente o pensamento, pode-se habitar aquelas partes do mundo astral que se escolhe conscientemente. Pode-se mesmo “viajar” conscientemente na luz astral e, a milhares de milhas de distância de onde está o seu corpo físico, aperceber-se de coisas ou comunicar com alguém. Isto só é possível para alguém que é Dono do seu pensamento. Muitas pessoas, embora distantes deste modo de ser, podem todavia começar a controlar os seus pensamentos através da contemplação do mundo a partir dos seus aspetos suprapessoais.



Teosofia na Natureza

Vendo sem olhos, cheirando sem nariz: percepção no reino vegetal

Os cientistas estão a começar a descobrir capacidades nas plantas que eram, até agora, considerados impossíveis. Mais do que uma coleção de células autoreceptíveis, as plantas apresentam-se como seres individuais e conscientes, capazes de tomar decisões baseadas num ambiente sempre em mutação.

Pensamentos – chave

» Estamos a usar os nossos sentidos para observar, mas a percepção *atual* tem lugar na nossa consciência.

» Os sentidos são os instrumentos, os canais para passar a informação do mundo exterior para a consciência. Para as plantas isto não é diferente.

» *No seus nível*, as plantas possuem os mesmos cinco sentidos do que os humanos. Trata-se das funções destes sentidos, não da forma física.

» Em aditamento aos sentidos externos há também sentidos internos com os quais nós somos capazes de observar na esfera astral, esfera menos física. Porque esta forma de percepção não está limitada ao corpo físico, ela permite à consciência da planta perceber à distância.

A bióloga italiana Monica Gagliano desenvolveu notáveis investigações sobre plantas. Ao contrário da maior parte dos seus colegas, as suas investigações não são dirigidas aos processos químicos de nível celular, antes ela considera as plantas como indivíduos, como seres que aprendem. Com a sua intuitiva inclinação, ela tenta ampliar a geral visão limitada que nós temos sobre as plantas. A nossa visão é tão limitada porque estamos bastante enganados pelo facto de, à primeira vista, as plantas terem uma condição passiva e não se moverem. Mas porque as plantas não têm capacidade para se moverem, como os animais, afirma Gagliano, elas estão extremamente alerta aos estímulos do seu meio. Estes estímulos despertam nas plantas reações agudas e portanto muito ativas.

O âmago destas experiências é revelar as capacidades das plantas para compreender. E, ao fazer isto, ela conseguiu notáveis resultados. Recentemente, ela descobriu, por exemplo, que as plantas podem “ouvir”. Com

isto ela desempenha agora um papel pioneiro no novo campo de investigação da bioacústica.⁽¹⁾

Mesmo a capacidade das plantas para perceber não é nova na ciência biológica. O famoso biólogo Charles Darwin já tinha ficado fascinado pela capacidade das plantas para perceber e para se deslocarem numa certa direção baseadas num estímulo físico. Ele escreveu um livro acerca disto chamado *O poder do movimento nas plantas*.

O que é perceber?

Mas o que é perceber? E o que é que nós podemos imaginar quando falamos acerca de percepção por meio de lodos bolorentos e plantas? A fim de fazer isto corretamente, vamos começar primeiro por nós próprios. Através dos nossos cinco sentidos físicos, vista, ouvido, cheiro, paladar e tacto, nós percebemos o mundo físico à nossa volta. Mas podemos admirar-nos ao saber quem ou o que está atualmente a perceber. Se fossem os nossos sentidos, então por que é que

há tantos sabores e interpretações diferentes respeitantes ao que nós nos apercebemos? Enquanto aquilo que é apercebido se mantém idêntico. Se se pensar nisto por um momento imaginará rapidamente que não são os nossos sentidos, mas é atualmente a nossa consciência que se apercebe. Imagine o seguinte: um casal num museu está a olhar para uma pintura; a mulher gosta dela, enquanto o seu marido gosta menos e prefere voltar a cabeça para um restaurante por causa de algumas azeitonas. "Bruto, azeitonas!" diz a mulher...

Como pode ver, a mesma imagem, o mesmo gosto, e ainda duas perceções completamente diferentes. Todos de nós já experimentámos estes fenómenos e ainda mal pensámos acerca das implicações, nomeadamente que os nossos sentidos são apenas instrumentos que nós usamos. Há canais através dos quais a informação passa do mundo físico para a nossa consciência – o observador *real*. Os nossos sentidos são as portas através dos quais a nossa consciência pode examinar o mundo físico. Elas são os órgãos físicos das nossas capacidades interiores para observar o mundo que nos rodeia. Se nós olharmos para o reino vegetal a partir desta perspetiva, podemos imaginar que a perceção engloba as plantas. Tal como nós, as plantas também têm consciência, elas são consciência. Mas que não é a mesma coisa que a *auto* consciência, sejamos claros. O que nós vemos de uma planta é o corpo de uma consciência vegetal, escondido dentro dele, trabalhando através dele. E tal como nós fazemos, a planta-consciência apreende informação do corpo físico, com base no qual toma uma específica ação. E tal como nós as plantas têm sentidos, têm isso *ao seu nível*, transmitindo a informação a partir do mundo físico. Nós precisamos de sair da ideia restrita de que o nariz é que cheira, a língua é que saboreia, etc. Isso são as funções, não a forma de o fazer.

Os cinco sentidos

A investigação nestas funções no reino vegetal degrau a degrau revela nas plantas analogias aos nossos cinco sentidos, e que desenvolveram os seus próprios órgãos de modo a permitir que eles façam exatamente o mesmo ao seu próprio nível. Os cientistas estão a começar a descobrir que as plantas têm capacidades que até agora pensávamos não ser possível e que até agora só têm sido atribuídas ao reino animal.

Cheiro

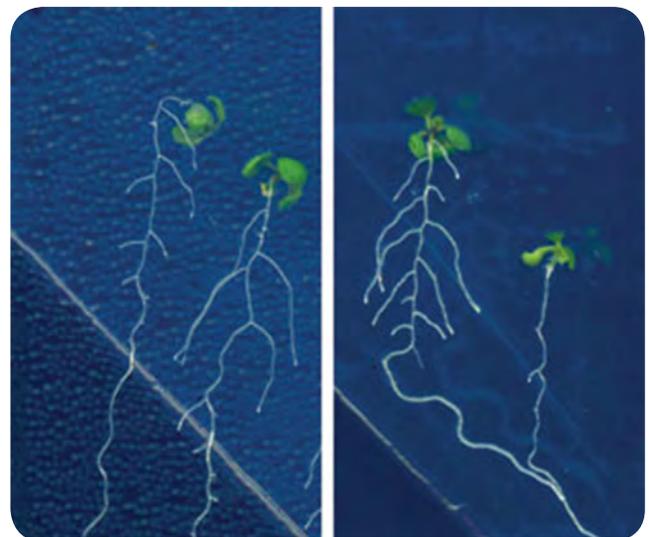
Com certos recetores as plantas podem "cheirar" substâncias no ar. As árvores acácias da savana alertam os

seus vizinhos através do ar com marcas a sinalizar que elas estão sendo comidas pelas girafas, de forma a que os membros dessa espécie iniciem um mecanismo de defesa em resposta e criem uma substância que faz as folhas saber mal. Noutros estudos em insetos comilões tem sido observado o mesmo mecanismo.

Sabor

No caso do cheiro, estamos a tratar de substâncias voláteis, enquanto com o sabor se trata de substâncias líquidas. Com as pontas das suas raízes, as plantas são capazes de "saborear" substâncias dissolvidas na água.

Mediante experiências tem sido provado que as plantas prontamente deixam as suas raízes crescer em diferentes direções sempre que essas raízes detetam sal estragado. As plantas também comunicam com as suas raízes. Membros da mesma espécie aparecem a avisar-se uns aos outros de raiz para raiz, sempre que se aproxima um período de seca. As plantas que recebem um sinal tomam imediatamente as suas medidas, em ordem a evaporar o menos possível.



As raízes das mudas de *Arabidopsis* (esquerda) mudam a direção do seu crescimento para baixo quando procuram sal (direita).

Tacto

O sentido táctil pode ser visto na famosa planta Mamosa pudica, quando elas dobram todas as suas folhas ao mes-



mo tempo quando são tocadas.

O vénus carnívoro apanha-moscas também dobra as suas folhas logo que um inseto pousa nele. Muito interessante-mente, ele não faz isso imediatamente, mas só quando duas ou três sondas lhe tocarem, de modo a que ele se assegure que a presa é suficientemente grande e não pode escapar.

Vista

A capacidade para “ver”, para distinguir diferentes comprimentos de onda, tem sido também considerada nas plantas. Do mesmo modo que nós temos telorreceptores nos nossos olhos, as plantas têm os seus próprios recetores nas folhas e nos caules. Isto permite-lhes crescer na direção certa, usualmente em direção à luz do Sol. Mas também se uma planta está a correr o risco de ser privada de luz, ela apercebe-se disso. Em resposta ela investe imediatamente toda a sua energia para que o caule cresça rapidamente acima do seu competidor, com as folhas viradas para cima. Se isto é bem sucedido, ele “relaxa” outra vez e espalhará amplamente as suas folhas em ordem a receber a maior quantidade possível de luz.

Ouvido

A evidência revolucionária de que as plantas podem ouvir também foi recentemente provado. Esta descoberta especial foi feita pela italiana Mónica Gagliano.⁽³⁾

Num ensaio experimental no qual colocou plantas a “ouvir” o som da água corrente, ela descobriu que as raízes começavam a crescer em direção a este som. Ela fez isto colocando um tubo de plástico subterrâneo através do qual a água fluía. Não obstante o facto de o tubo estar seco no exterior, as raízes ainda encontram o caminho da água através dele, e não há outro caminho possível para detetar a água a não ser o ouvir. Os cientistas ainda são mantidos no escuro, sobre os quais partes da planta podem registar som.

Sentidos internos

No entanto, a questão agora é saber se as plantas ouvem o som da água ou se há mais do que isso. Já é atualmente sabido que as plantas são extremamente sensíveis às influências elétricas e que elas têm um campo elétrico que usam remotamente, entre outros, para comunicar com as abelhas.⁽⁴⁾

Se olharmos para isto desde um ponto de vista da consciência, este fenómeno corresponde ao que na Teosofia é chamado “percecionar no campo astral”. Uma esfera de nível energético que é exatamente um pouco menos físico

que a esfera visível e que portanto não pode ser observado pelos nossos sentidos físicos. Mas pode sê-lo com o tipo de sentidos que são aptos para o mundo astral. Todos nós usamos estes sentidos *mais interiores* consciente ou inconscientemente, por exemplo, quando “saboreamos a atmosfera” ou sentimos alguém mentalmente tenso. São “antenas interiores”, com as quais nós sentimos o que não está fisicamente perceptível. Justamente porque é um espectro muito interior da nossa consciência, não tem conexão com o nosso corpo físico e o seu “âmbito”, razão pela qual nós podemos sentir coisas a uma distância maior.

Esta capacidade para observar no plano astral está fortemente desenvolvida nos animais. Vemos isto nos elefantes, que fogem para as montanhas horas antes de ocorrer um tsunami. Nos cavalos, que apanham perfeitamente as emoções das pessoas, nos cães que podem avisar os seus donos de um ataque epilético com horas de antecedência. Em nós, esta capacidade foi removida um pouco mais para a retaguarda, porque a abandonámos atualmente no nosso estado de evolução. Como seres auto-conscientes, estamos desenvolvendo a *mente*. Estamos ativos na esfera do pensamento, percebendo e transmitindo pensamentos. Isto inclui certamente pensamento emocional mas nós estamos a desenvolver principalmente pensamento intelectual e perspicácia, a nossa faculdade de compreender. Isto permite-nos fazer uma observação mais real do que pesquisar a área mesmo acima do plano físico. A Teosofia, a propósito, menciona dois outros sentidos internos, que são ainda hoje latentes em nós, mas que desenvolveremos no decurso da nossa evolução, à medida que a nossa consciência despertar para um plano mais espiritual. Mas voltemos às plantas.

Desenvolver a capacidade de sentir

Segundo a Teosofia, as plantas situam-se numa fase evolucionária na qual estão atualmente a desenvolver a capacidade para sentir, a qual está fortemente ligada ao plano astral. É possível que esta capacidade desempenhe um papel importante ao observar a água enquanto não tem lugar nenhuma mudança física. Um exemplo em como esta remota observação, esta conexão no plano astral, deve jogar um papel importante é seguramente o fascinante fenómeno de um feijão comum, uma planta trepadeira que, na sua busca para ter de se agarrar, consegue trepar corretamente em direção a uma posição adequada que está numa medida acima.⁽⁵⁾

Torna-se mesmo muito interessante quando dois feijões vulgares estão competindo pelo mesmo lugar, que pode

ser visto lindamente num vídeo pelo biólogo Stefano Mancuso, que dirige investigações científicas respeitantes à consciência das plantas. Inicialmente, ambos crescem rapidamente para cima, após o que se movem à volta da vara, mas, logo que o primeiro atingiu a vara, algo de notável acontece: o número dois rapidamente para a sua tentativa e afasta-se da vara, procurando outro apoio. Isto acontece sem as plantas se tocarem uma à outra. Cada vez que a experiência é repetida, o resultado é o mesmo. Estas experiências mostram que as plantas estão na verdade conscientes do seu meio e são capazes de o antecipar imediatamente.

Finalmente, outro exemplo mais perto de nós, no qual podemos reconhecer a sensibilidade das plantas. Todos nós conhecemos alguém com o típico “dedo verde”. Alguém cujas plantas estão sempre cheias de força e luxuriantes em flor. Alguém que cuida realmente delas, as ama, por assim dizer, e que também irradia essa atmosfera. Mesmo se essa pessoa se esquece alguma vez de pôr água, num instante que seja, a influência de tal pessoa vai além mesmo das suas boas ações.

Uma nova perspetiva

Por que é que estas pesquisas científicas são tão importantes? Porque, diz a bióloga italiana, esta perspetiva é fundamental para percebermos o que é que são as plantas e como é que nós lidamos com a Natureza. A planta é mais do que um objecto estático, uma coleção de células de resposta automática. Não, as plantas são indivíduos, viventes, seres sencientes. Com um impulso interior, instintivo para desenvolver, evoluir e fazer exatamente o que é necessário para esse efeito. Trata-se do mesmo impulso interior que a força que uma semente dá para crescer do solo escuro em direção ao asfalto com luz. Os seres que, tal como nós, necessitam de descansar e ficam literalmente exaustos quando o ritmo do seu dia e noite se rompe. Por exemplo, as árvores da cidade, que estão constantemente expostas à luz artificial à noite, morrem muito mais cedo do que as outras da mesma espécie que conseguem dormir a noite toda.⁽⁷⁾

Mesmo apesar de ser bastante primitivo, as plantas têm o seu próprio carácter e uma consciência, com a qual elas fazem determinadas escolhas *ao seu nível*. As recentes investigações científicas contribuem para esta realização, que felizmente crescerá numa visão mais ética com a qual nós lidamos com a natureza e com o reino vegetal.

Na sua investigação, Mónica Gagliano subiu mais um degrau e, além da capacidade para perceber, ela demonstrou

mesmo que elas têm capacidade para aprender. No artigo seguinte destas séries, falaremos sobre isto e veremos que contributos a Teosofia pode dar acerca da capacidade das plantas para aprender e também mesmo para recordar!

Referências

1. Monica Gagliano, Mavra Grimonprez, Martial Depczynski, Michael Renton, “Tuned in: plant roots use sound to locate water”. https://www.researchgate.net/publication/315811492_Tuned_in_plant_roots_use_sound_to_locate_water.
2. Barend Voorham, ‘The mystery of consciousness – part 1’. Artigo in *Lucifer, the Light-bringer*, no. 1, March 2020, p. 9-15.
3. Ronald Pierik e Christa Testerink, “The art of being flexible: how to escape from shade, salt, and drought”. https://www.researchgate.net/publication/263513345_The_Art_of_Being_Flexible_How_to_Escape_from_Shade_Salt_and_Drought.
4. Dominic Clarke, Erica Morley, and Daniel Robert, “The bee, the flower, and the electric field: electric ecology and aerial electroreception”. Artigo in: *Journal of comparative physiology A neuroethology, sensory, neural, and behavioral physiology*. Vol. 203, No. 9, 2017, pp. 737-748.
5. Are plants conscious? <https://www.youtube.com/watch?v=g-BGt5OeAQFk>.
6. See ref. 5.
7. Peter Wohlleben, *The Hidden Life of Trees*, Harper Collings Publishers 2017. [Há uma tradução portuguesa: *A vida Secreta das Árvores*, GMT Editores Ltda. Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo 22270-000 – Rio de Janeiro – RJ, Brasil. <http://www.ecoagri.com.br/web/wp-content/uploads/A-Vida-Secreta-Das-%C3%81rvores-Peter-Wohlleben.pdf>]



Teorias da conspiração

Um dos efeitos laterais da crise do corona vírus é um incremento das teorias da conspiração. Como pode isto ser explicado e o que é que se pode fazer acerca disto?

Um desastre global desencadeia muitas reacções. Em aditamento às principais explicações de como apareceu a pandemia e de como nos deveríamos comportar, há toda a espécie de explicações alternativas. O vírus teria sido deliberadamente criado para reduzir a população mundial em 500 milhões. A vacina teria sido desenvolvida para cada cidadão mundial, para dar àqueles poder para controlar todas as pessoas. Onde estão esses governadores não está totalmente claro. Alguns falam da China, outros da Nações Unidas, outros de alienígenas. O vírus está também associado á rede 5G. Há também uma ideia segundo a qual o vírus não existe de todo em todo e que foi fabricado por aqueles que estão no poder. Os governos usariam o vírus não existente para suprimir a população e restringir ou suprimir mesmo toda a espécie de direitos democráticos.

Chamamos a alguma coisa uma teoria da conspiração quando não há evidências empíricas para essa teoria e quando ela assume um plano que está por detrás daqueles que estão no poder e que à população não é

permitido saber, mas que no fim de contas se vira fortemente numa desvantagem para todos nós. Como é que aconteceu que este pensamento conspirativo tenha crescido tanto?

Medo, suspeita e pensamento passivo

Vários fatores jogam no processo do pensamento conspirativo. Talvez não mesmo o vírus propriamente dito - ainda que ele tenha algum papel nisto - mas medo em geral. Medo do governo, medo de perda da saúde, da perda da identidade. O medo cria sempre um campo propício para pensamentos fora de toda a lógica.

Para além disso, a suspeita joga um papel importante. Há uma suspeita importante acerca das autoridades: os políticos, os sistemas bancários, jornalismo e ciência.

Muitas pessoas sentem-se desprezadas. É impressionante que muitos defensores das teorias da conspiração tiveram um *burnout* (um Esgotamento Profissional) ou foram de outro modo através de um vale profundo, algumas vezes têm mesmo uma perturbação de stress pós-traumático.

Pensamentos -chave

» Nós criamos a nossa própria verdade atribuindo realidade a alguma coisa.

» Testando cada proposição ou asserção com o nosso intelecto, a nossa compreensão e as leis da natureza de que estamos conscientes, construímos a nossa "evidência" - convicção da mente - a partir de nós próprios.

» O ser humano tem latente dentro de si todas as capacidades para conhecer uma verdade maior.

Parece que isto provocou nas suas mentes suscetibilidade a alguma coisa que infelizmente é bem comum na sociedade. Também entre as pessoas dos círculos da “New Age”, que muitas vezes desconfiam da ciência da cultura dominante, a crença nas conspirações está a aumentar. Os sociólogos chamam a estes fenómenos *conspiritualidade*.

Muitas vezes as suas desconfianças são incompreensíveis. Eles têm sido tratados pouco gentilmente pelo governo, pelos bancos ou por empregadores ou outras instituições poderosas e não possuem meios para se defenderem contra isso. Eles consideram o mundo exterior como hipócrita e falso e não esperam nenhuma solução dos políticos. A política respeita também muitas vezes só a ela própria. Muitos políticos proclamam só as suas “verdades”, as que são adequadas à sua linha de pensamento. Infelizmente, há um crescente número deles no mundo inteiro que vendem pertinentes mentiras como verdades e apresentam *fake news* (notícias falsas) como factos.

Lemos muitas vezes nos jornais que os cientistas, eles também, não tomam a verdade muito a sério, porque, sendo cientistas de baixo nível, manipulam os seus próprios dados. Muitas vezes são dados sinais contraditórios. As máscaras faciais não são úteis, dizem alguns peritos. São úteis, dizem outros. As vacinações são perigosas, dizem alguns virologistas, Não são, dizem outros.

Mesmo embora a maior parte dos cientistas sejam pessoas íntegras, a sua autoridade está em declínio. Eles são considerados arrogantes. Eles assumem, diz-se, que têm razão e ridicularizam as ideias alternativas. Eles são também muitas vezes incapazes de explicar outros temas complicados de uma forma que as pessoas que não têm preparação científica não conseguem compreender.

Os jornalistas seguem muitas vezes ideias gerais. Eles acreditam que, como profissionais, sabem melhor. Acontece muitas vezes faltar tempo para investigar assuntos em profundidade ou escolhem deliberadamente não os investigar mais.

Cada um cria a sua própria verdade

No entanto, a linha que divide as teorias da conspiração e o resto não é tão grande como parece à primeira vista. Acima de tudo, cada um assume que tem razão. Por consequência, quantas pessoas estão inclinadas a filtrar a informação que não é adequada ao seu ponto de vista? Quantos artigos dão apenas argumentos que sustentam a opinião do escritor, enquanto desprezam os contra argumentos? E se se diz que as ideias da teoria da conspiração não têm evidência empírica, então deveríamos considerar

que quanto às “ideias autorizadas” também não há igualmente muitas vezes evidência. Isto é particularmente verdade na economia. Enquanto que um economista assevera que certamente a austeridade é o caminho para sair da crise, outro afirma também com certeza que o Governo deve investir nas crises. A única diferença que distingue uma teoria da conspiração é a convicção de que há uma conspiração atrás de certas políticas e eventos.

Um pensador de conspiração não se rotulará a si próprio como tal. Alguns chamam-se a si próprios “pensadores completos”. Na sua própria opinião, eles veem e compreendem mais do que os outros. Aos seus olhos, eles combinam factos separados num grande e amplo todo. Trata-se da *sua verdade*. Eles acreditam que têm direito à sua verdade. Eles têm medo que a sua visão do mundo, na qual eles se sentem seguros, possa ser enfraquecida por forças mais fortes do que eles.

A crescer a isto está o facto de que muitos grupos, especialmente os da New Age, têm aversão a raciocínios intelectuais. Se algum deles diz que *sente* que alguma coisa, não é verdade, então a troca de ideias para atualmente. Muitas sensações são confundidas com intuição. Uma intuição deve ser sempre explicada racionalmente, o que certamente não acontece com um sentimento ou uma sensação. Para mais, sensações são fugazes e muitas vezes mudam. A verdade baseada numa sensação é portanto, tudo menos sustentável.

Por consequência, todos nós fabricamos a nossa própria verdade. A verdade é aquilo a que nós chamamos verdade, com a qual nós nos identificamos, à qual nós atribuímos realidade. Eis por que é que mais informação não faz habitualmente com que a teoria da conspiração mude o seu ponto de vista. Ele não aceita como real aquela informação. Ele não se adequa ao seu quadro mental. Pode-se falar durante horas, mas se alguém vê fantasmas ou duendes as palavras não fazem desaparecer as suas percepções.

Evidentemente, o que é necessário é que faça uma profunda revisão da nossa maneira de pensar. O que certamente não é aplicável às teorias da conspiração. Se todos nós já fazemos isso, se já aprendemos a fazer isso na escola, o terreno para a criação das teorias da conspiração seria muito menos fértil.

Fabrique a sua própria evidência

Podemos ficar surpreendidos que, sem nenhuma evidência, as teorias conspirativas são, no nosso ponto de vista, teorias estranhas. Mas o que é evidência?

A evidência não é uma coisa separada. É uma convicção

para o pensamento. E só se pode obter essa convicção se se pensar independentemente.

Aqui reside o cerne da questão. As ideias básicas de ambas as teorias da maioria e os pontos de vista das teorias da conspiração são raramente questionados. Eles são tomados por adquiridos. Um pensador conspirativo pode estar tão convencido que não questiona a sua teoria. Mas questionarão outros as suas ideias?

Quando um banqueiro ou um executivo chefe de uma indústria ganha um salário muitas vezes maior do que o pessoal de limpeza desse banco ou dessa companhia, argumenta-se nos meios que isso é assim porque ele tem maior responsabilidade. A ideia principal, contudo, segundo a qual a maior responsabilidade deve corresponder um maior ordenado, não é debatida.

Outro exemplo: na Biologia dominante assume-se que o ser humano evoluiu a partir do macaco. Em torno dessa teoria – que não está provada – os factos de cada osso encontrado são modelados. As pessoas estão prisioneiras no seu próprio ponto de vista. Alguém que fale em contrário não é levado a sério. Mas é verdade que os humanos evoluíram a partir da forma de um macaco? Como então encontrar a verdade?

Num recente artigo do *Lúcifer* – *o Portador da Luz* – demos algumas ideias de como se poderia aproximar da Teosofia⁽¹⁾ Embora naquele artigo nós aplicámos esta metodologia só para os princípios teosóficos, ela pode ser aplicada para *qualquer tema*. Nós dissemos naquele artigo que se

poderiam ponderar as proposições teosóficas ou teoremas por si próprios. Como é que se pode fazer isto? Desenvolvendo hipóteses que emergem a partir destas proposições. Ver que implicações eles têm. Pode-se testar isto contra o nosso intelecto, discernimento e compreensão, os acontecimentos do mundo, as leis da natureza tal como nós as podemos reconhecer, e contra o conhecimento de pessoas nas quais se tem confiança. Isto é um processo longo e contínuo. Pode-se fazer alguma coisa acerca disso.

Por outras palavras, se se quer procurar a verdade, não se deve assumir a priori que uma asserção é verdadeira ou falsa, mesmo se é muito diferente do que se entende por verdade. Sendo aberto e adotando uma atitude inquisitiva, nós construímos a verdade por nós próprios. E, por este caminho, descobrimos a “evidência” dentro de nós próprios.

Enviar e receber

Seria preferível se as autoridades políticas, religiosas, científicas ou económicas fizessem um apelo às capacidades do pensamento crítico das pessoas. Qual é a essência das suas asserções ou ações? Que argumentos têm para os apoiar? E há também argumentos que não apoiam a afirmação? Quando as autoridades mostram claramente o que sabem e o que não sabem, e em que base pensam eles que sabem alguma coisa, eles estimulam o pensamento. A autoridade real não tem medo da verdade. Ela, portanto, encoraja o pensamento crítico por parte de outras pessoas, porque só



isso produz mais verdade. Por esta via, cultiva-se a verdade. Mas mesmo aqueles sobre os quais a autoridade é exercida têm o dever de permanecer críticos e procurar se o que é dito corresponde ao que eles acreditam ser verdade. Não se deve aceitar a autoridade seguindo-a cegamente, mas refletindo nos pontos de vista da pessoa com autoridade e perguntando por mais explicações se necessário.

Numa sociedade que funciona bem, há uma troca constante de ideias. As autoridades transmitem certas ideias. As populações ponderam acerca delas e, ao fazer isso, elas devolvem aquelas ideias, possivelmente um pouco modificadas ou corrigidas. Trata-se de um processo muito dinâmico. As coisas vão mal quando o que recebe e o que transmite pertencem a diferentes comprimentos de onda. Se há uma situação ruidosa, aqueles mais capacitados em autoridade devem, em consequência, assegurar a harmonia apropriada. Ao fazer isto, eles devem começar pelo interesse geral, porque são precisamente os interesses parciais que criam grupos desvantajosos onde as teorias da conspiração são tão numerosas.

Há um outro especto que queremos mencionar. As pessoas que estão no poder têm uma imagem negativa do homem. Esta imagem joga um papel nas suas políticas. Como resultado, isso gera lentamente desconfianças na política. Quanto mais o governo ouve as pessoas, organiza a participação de eventos públicos face a medidas políticas, tanto menos as teorias da conspiração houver. Se esse alinhamento não existe, depois de um curto ou longo período de tempo o respeito pela autoridade desaparece lentamente. A desconfiança e o medo tomarão o seu lugar. Não tendo aprendido a aceder às ideias ou políticas com uma mente aberta, as pessoas abraçam ideias alternativas ou procuram explicações para certos fenómenos. Quanto mais pessoas adotam superficialmente estas ideias ou políticas inconscientemente e, em resultado disso, as emitem outra vez, pode crescer uma epidemia em pouco tempo, a qual, em amplitude e sofrimento, excedem de longe a presente pandemia. Isto pode ter terríveis consequências. Entre 1348 e 1351, a praga devastou a Europa. Os judeus foram acusados desta peste negra largamente destruído- ra. Disse-se que eles tinham causado a praga epidémica, envenenando os poços e os depósitos de água. Muitos judeus foram mortos ou tiveram que fugir.

Confie em Si próprio

Há um outro elemento importante que queremos referir. Alguns pensam que nós nunca saberemos a verdade. Pensamos que isso não é assim.

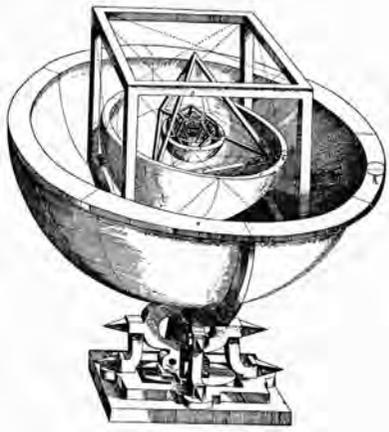
Segundo a Teosofia, os seres humanos são essencialmente seres divinos e têm todas as faculdades que os leva a descobrir a verdade. A questão é desenvolver essas faculdades. E isso faz-se examinando as propostas cuidadosamente. E quando se achar a verdade, pode aplicá-la para a sua própria vida.

O homem é um ser essencialmente divino, é uma das suas proposições. A implicação desta proposição é que nós podemos confiar que no nosso Eu interior podemos encontrar a verdade. Pode-se explorar esta proposição? Pode-se achar na nossa própria consciência aquelas capacidades divinas? Quais são as implicações disso? Assim, isso quer dizer que nós podemos ter confiança em que no nosso Eu mais profundo temos o instrumento para distinguir a verdade da ilusão. Mas como é isso de nós não estarmos ainda ativando divinamente?

Formulando tais questões claramente, o que nós podemos perguntar a nós próprios, em resposta a uma pergunta que parece à primeira vista ser arrojada, é que nós abrimos uma porta para o conhecimento a partir de dentro. Vamos transformar estas questões em assuntos para investigar, hipóteses, e assim poderemos encontrar mais verdade. Pode-se pensar que isto é verdade para questões filosóficas, mas não para assuntos práticos. Com muita frequência, falta-nos informação para tirar uma conclusão apropriada. Por exemplo, o coronavírus teve origem no mercado em Wuhan ou no laboratório desta cidade? Não temos ainda suficientes dados para dar uma resposta. Bem, na verdade é melhor não ter nenhuma resposta do que uma suposta resposta. Então nós mantemos as nossas mentes flexíveis e ativas. Então não caímos no buraco das explicações cobijadas, que só nos trazem ilusões. Tal como um corpo esguio e flexível é mais capaz de efetuar com sucesso desafios físicos, assim uma faculdade de pensar “treinada” será mais capaz de distinguir a ilusão da verdade. Vamos portanto manter um olhar vigilante no nosso processo de pensamento e aprender mais e mais como isso funciona. Isso deve proteger-nos de algum pensamento de desilusão.

Referências

1. *Aprendendo com a pandemia*, artigo *Lúcifer - o portador da luz*, nº1, Janeiro de 2021, pág. 3-8. https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_other_languages/lucifer-pt-2021-1.pdf
2. Ver Rutger Bregman: <http://twitter.com/BeffernieBlack/status/1264898870397583360?s=20>



As raízes cósmicas da matemática

Muitas pessoas veem a matemática como uma ferramenta para cálculos. Mas como podemos nós explicar o interessante facto de que grandes pensadores da antiguidade, tais como Pitágoras e Platão, enfatizavam tão fortemente a importância de uma compreensão *profunda* da matemática

Pensamentos-chave

- » A matemática descreve os modelos e os ritmos da Natureza. A matemática é, portanto, uma linguagem, um meio de expressão de ideias.
- » A matemática prática é um meio de calcular. A sua origem, contudo, reside na matemática filosófica, que é a descrição dos habituais modelos dos seres cósmicos.
- » A matemática filosófica tem sido tradicionalmente um ramo superior de estudos em grandes escolas esotéricas. Ela serviu como um degrau de pedra para o estudo das ideias divinas, a Sabedoria Universal ou Teosofia.

Antigamente, a matemática tinha uma importância fundamental na religião, na filosofia e na ciência. Hoje em dia, a matemática ainda tem um papel importante na ciência e na tecnologia, mas só como um meio de calcular os processos da natureza. Assim, o seu papel mudou: a matemática perdeu o seu significado mais profundo. Isso explica por que é que muitas pessoas associam a matemática a qualquer coisa aborrecida ou seca. Se você é uma destas pessoas, recomendamos-lhe continuar a ler!

Este artigo é o produto de um grupo de estudo da Sociedade Teosófica de Point de Loma, um grupo que abreviamos com a sigla “SC”. O objetivo do artigo é mostrar a alma da matemática, que é explicada pela Teosofia, a sabedoria universal atrás de todas as religiões, filosofias e ciências. Fazemos isto por meio de uma distinção entre *matemática prática*, matemática como é comumente usada hoje, e matemática como linguagem das verdades universais, *matemática filosófica*.

Descreveremos primeiramente a im-

portância corrente da matemática prática, o seu objetivo e limitações. Partiremos então para as raízes espirituais da matemática, que constitui a ideia fundamental segundo a qual o cosmos é envolvido e liderado pela *consciência*, por incontáveis seres.

Uma linguagem de modelos

A matemática prática escreve os modelos na natureza. Assim, trata-se de uma linguagem, um meio de descrever processos por modelos lógicos. Isto reflete-se na tentativa da Wikipédia (inglês) para descrever a matemática (note-se: não há definição geralmente aceite).

Matemáticos procuram e usam modelos para formular novas conjecturas; eles resolvem o verdadeiro e o falso ou equivalente por prova matemática. Quando as estruturas matemáticas são bons modelos dos fenómenos reais, os raciocínios matemáticos podem ser usados para fornecer intuições ou previsões acerca da natureza.

Todos os processos da natureza seguem certos padrões. Podemos verificar isto em todas as áreas da vida. Tudo o que nós vemos à nossa volta são causas que produzem determinadas consequências, quer olhemos para exemplos práticos de carácter espiritual, mental, material ou prático. Veja-se por exemplo a conexão entre o tempo quente e as insolações. Podem-se registar as temperaturas diárias e o número de pessoas que necessitam ajuda médica. E pode-se colocar tal correlação numa fórmula.

Todavia, isto não significa que nós possamos sempre reconhecer estes modelos e ritmos. Em processos complexos, tal como nas correntes mudanças climáticas no mundo, é muitas vezes difícil encontrar as causas dominantes e as precondições determinantes. Se nós as conheçêssemos, seríamos capazes de otimizar as nossas predições.

Regras estritas, coerentes

As muitas regras matemáticas são todas derivadas de um pequeno número de proposições (axiomas). Portanto, elas formam um todo consistente. Não há nenhuma regra matemática que varie na sua natureza ou racionalidade de outra regra. Por esta razão, a matemática podia ser chamada uma linguagem perfeita - tal como o Sânscrito, a propósito, porque no Sânscrito todas as regras são, sem nenhuma exceções, sempre válidas também, do mesmo modo as regras matemáticas estão sempre ligadas umas às outras.⁽¹⁾

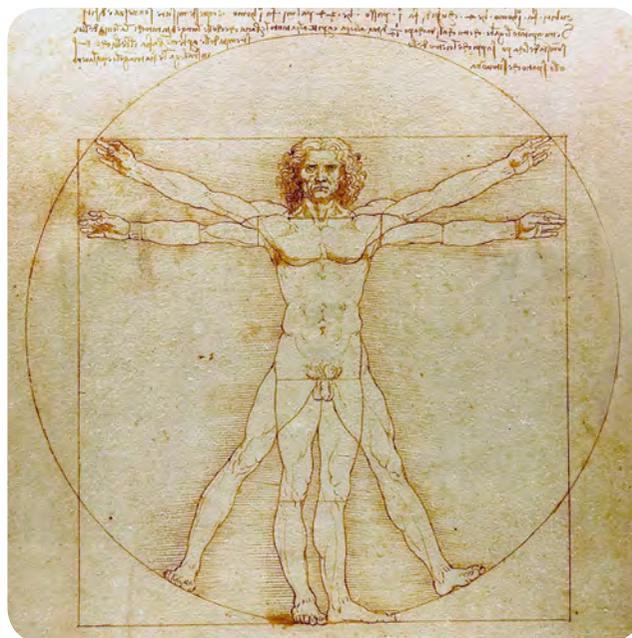
A matemática pode ser vista como uma linguagem perfeita, mas isso não quer dizer que a fórmula matemática esteja correta por essa razão. Compare isso com a linguagem escrita: uma frase pode estar gramaticalmente correta e ao mesmo tempo não fazer nenhum sentido, faltando alguma conexão com a realidade. Logo que se saiba isto, não se ficará mais impressionado com a “aparência científica” das fórmulas matemáticas, mesmo se a fórmula é embrulhada com símbolos - tal como se poderão ver frases bem escritas que são baseadas em premissas erradas.

A natureza da matemática pode ser descrita concisamente: seja o que for que ponha no triturador matemático, sai.⁽²⁾

Ou mesmo numa linguagem mais simples: “junk in é junk out”, (lixo que entra é lixo que sai). Mas isso também quer dizer: “os pressupostos relativamente corretos que entram, valores relativamente exatos que saem”.

Matemática prática: pedra de toque de todas as ciências

Os cientistas pensam muitas vezes que descobriram alguma espécie de modelo. Trata-se de um modelo real ou não? As fórmulas matemáticas podem ser usadas como pedras de



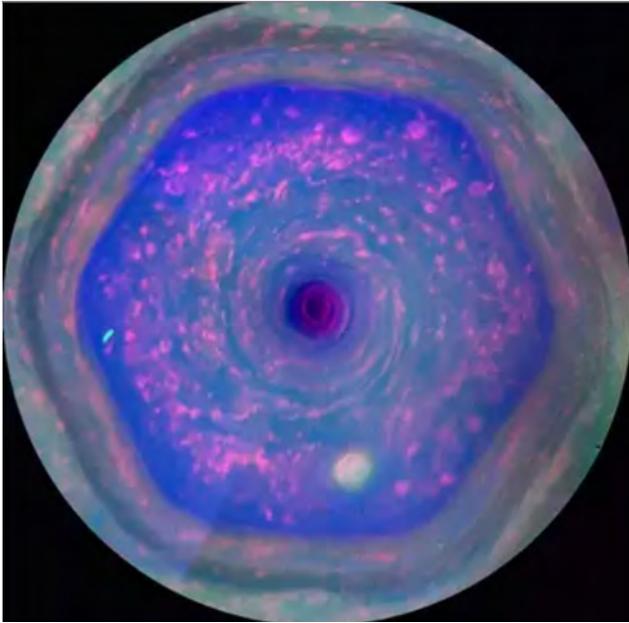
As proporções que encontramos em todas as partes do nosso corpo humano estão baseadas em “proporções ideais”. Cada pessoa mostra sua própria expressão dessas proporções, baseada em seu carácter individual. Mas isto não muda o fato fundamental acima mencionado.⁽⁹⁾

toque. Como? Com uma fórmula ou modelo matemático pode fazer-se uma previsão acerca do resultado de subsequentes observações ou experiências. Se o resultado condiz com a previsão, pode-se assumi-lo provisoriamente, tanto como se sabe, o modelo é correto. Se o resultado não condiz com a previsão, precisaremos de fazer mais investigações para se comprovar o conhecimento.

Um exemplo famoso de um modelo matemático foi dado pelo astrónomo alemão Kepler (1571-1630).Primeiramente, Kepler pensava que os planetas orbitavam o Sol em círculos. Porém, os resultado dos seus cálculos baseados na hipótese dos movimentos circulares não estava em consonância com a precisão dos dados da observação que ele tinha. Isto estimulou-o a continuar a investigar, com grandes esforços. E, finalmente, ele descobriu que os planetas descrevem uma órbita elíptica. Que ele poderia provar por cálculos matemáticos. Sem cálculos matemáticos, teria havido apenas trabalho de adivinhação.

Como é que as fórmulas das Matemáticas práticas são universais?

Na ciência de hoje em dia, podíamos dizer que não há fórmulas universais reais, onde só podemos investigar aquela pequena porção do universo onde podemos fazer investigações científicas. Hoje em dia a ciência trabalha indutivamente, “do exterior para os modelos interiores”, a partir das observações para as leis gerais. Isto quer dizer



Cada estrutura e processo na natureza reflete as relações matemáticas. Por vezes isto é muito claro, como este belo modelo hexagonal das nuvens no polo norte de Saturno. Este modelo roda com um período de 10 horas, que é o mesmo que o período das emissões de ondas de rádio do interior do planeta.

que, com insuficiente conhecimento das leis gerais, nunca saberemos se uma fórmula que trabalha razoavelmente bem num campo de investigação, ou numa situação, ou num nível de organização, ou numa aplicação, também trabalhará bem noutra.

Um exemplo: a fórmula da correlação entre o tempo e a insolação na Holanda não devia ser aplicada num país onde as pessoas estão muito bem adaptadas ao tempo quente. Vamos dar um segundo exemplo da física. Pode-se descrever a velocidade da queda com a fórmula de Newton sobre a gravidade. A fórmula contém um multiplicador a que se chama constante gravitacional. A validade desta constante tem sido experimentalmente determinada por muitas medições na atmosfera da Terra. Pela nossa experiência com os mísseis espaciais, sabemos que ela é bastante segura de acordo com os nossos objetivos para o espaço entre planetas. Mas será igualmente válida noutra sistema solar ou noutra galáxia? Isso nós não sabemos. Só sabemos que é válida na área que temos sido correntemente capazes de investigar. Para além disso, muitos modelos físicos são simplificações, como os modelos climáticos, ou os modelos que calculam a resistência do ar ou água. Eles não tentam incorporar todas as influências, mesmo se nós as conhecemos, uma vez que estes fatores fariam os cálculos demasiado grandes para os nossos computadores. Se as aproximações têm algum valor prático, podem ser suficientes para o ser tempo.

Deste modo, não têm absolutamente nenhuma pretensão à universalidade.

Em busca do suporte da Matemática

Agora vamos levantar algumas questões fundamentais: quais são os relacionamentos matemáticos e qual a sua *origem*? No que respeita a este assunto, há duas teorias essencialmente diferentes. A primeira é baseada na suposição de que *a substância visível é uma e só realidade*. A partir deste ponto de vista, nós, humanos, surgimos com a ideia de um retângulo, olhando para muitos objetos retangulares e reconhecendo a forma comum neles (4 ângulos de 90 graus cada). Muito fica por explorar com esta teoria. Onde é que fomos buscar esta ideia abstrata de “retângulo”? A questão é que, quando se olha com precisão, não há um objecto retangular que seja exatamente retangular. E por que é que esta ideia abstrata é reconhecida por qualquer pessoa normal e pensante? Estas coisas permanecem um mistério. A outra teoria, fundamentalmente oposta a esta, diz que *há uma força a trabalhar atrás de todas as formas externas* e que esta força, tal como os humanos a compreendem, trabalha sempre por meio de modelos ideais ou proporções. Esta última teoria é consistente com a Antiga Sabedoria ou Teosofia.

Qual é a força atrás dos fenómenos?

Os modelos que nós frequentemente achamos na natureza são usualmente chamados “leis da natureza”. Esta designação, no entanto, não nos ajuda muito, porque não nos diz de onde é que estas leis vêm.

A Teosofia dá-nos a chave que explica o enigma. Todas as formas externas existem como resultado da ação da consciência. Atrás de um corpo atómico trabalha uma alma atómica, Atrás de um corpo humano trabalha uma alma humana. Atrás dos planetas e do sistema solar há seres, consciências, com um âmbito de trabalho cósmico. Todo o cosmos e tudo nele, está vivo. É a consciência que atrai todos os elementos (que são eles próprios seres vivos) de um átomo físico ou corpo humano ou globo planetário e os põe a funcionar ordenadamente numa certa via.

Cada cosmos, e cada entidade viva dentro de um cosmos, é portanto uma totalidade de seres cooperantes. Esta cooperação entre cada um e de todos os seres é um princípio que não pode ser mudado. Porquê? Porque é a expressão da Unidade, da Unidade ilimitada, que é a fonte e a essência de cada entidade. Cada entidade pode ser vista como uma gota no Oceano sem praia da Vida.

Esta unidade indissolúvel e fundamental reflete-se ela pró-

pria nos mundos externos como a interconectividade de todas as entidades com todas as outras entidades. Pode-se escolher para investigar cada ser que escolhe e comprovar-se-á que ele apenas pode existir e funcionar por causa da existência e dos atos de todos os outros seres do Cosmos.

A ordem hierárquica na natureza

A conectividade fundamental de todas as entidades com o todo e uns com os outros, é manifestada como uma ordem hierárquica. Os cientistas de hoje em dia chamariam a isto “níveis organizacionais diferentes” com os níveis mais elevados a ajudar compassivamente os menos elevados. A chamada “teoria do sistema” está focada neste assunto.

Com a chave fornecida pela Teosofia – a consciência é o fator que guia atrás de todas as manifestações – chegamos ao seguinte quadro. Todos os seres vivem dentro de uma esfera de influência de um ser maior. Este relativamente maior ser emana um “campo de força” ou “atmosfera” na qual muitos seres mais baixos (por “baixo” queremos dizer com a consciência menos desenvolvida) encontram as condições apropriadas e os materiais para a sua existência material. Eles encontram assim as circunstâncias desejáveis para evoluir, para ganhar as experiências necessárias para o seu crescimento interior.

Um exemplo são os seres que constroem os nossos corpos, os seres que vivem dentro da esfera de influência da consciência humana. Nós, por outro lado, vivemos dentro da esfera de vida da consciência da Terra. A Terra...dentro do Sistema Solar e assim por diante. Uma visão profunda deste fenómeno é dada pela doutrina teosófica da emanção.⁽³⁾

O que são as assim chamadas “leis da natureza”?

Podemos agora responder a esta importante questão: o que são as “leis da natureza”? Cada ser, no decurso do tempo sem fim, construiu certos modelos habituais, um certo carácter. E é o seu carácter que determina a natureza da sua esfera de influência, assim, determina os modelos específicos para todos os seres que vivem dentro daquela esfera. Para dar um exemplo reconhecível: a nossa mente determina, por assim dizer, as “leis da natureza” para os nossos seres celulares. Quando nós estamos nervosos por natureza, a nossa digestão é rápida e a nossa respiração e circulação têm um ritmo correspondente. Se passamos focados em pensamentos harmoniosos, isso terá imediatamente um efeito harmonizador no automático processo do nosso corpo. Deste modo, o que nós chamamos “leis da natureza” são

de facto hábitos – você pode também dizer as características fundamentais – de seres cósmicos, de seres cuja esfera de influência se estende a toda a nossa Galáxia ou Sistema Solar. Estas leis são os resultados da interação de diferentes consciências.

O que é a matemática filosófica?

Os atrás mencionados seres auto-conscientes que guiam ou inspiram o sistema solar ou a galáxia são muito mais avançados do que nós humanos.

Os modelos habituais destes seres cósmicos são baseados num sentido cósmico de realidade e de uma ação absolutamente harmoniosa, inspirada por seres que são mesmo mais desenvolvidos do que nós. As suas características formam os modelos básicos para todos os seres dentro daquela esfera, para os quais eles transferem responsabilidade. Não há limites para a vida: os seres cósmicos estão por seu turno subordinados a influências e modelos de mesmo mais elevados seres - de uma divindade inimaginável para nós. E o mais primitivo ser que nós possamos imaginar forma os modelos básicos para outros seres de ainda mais baixo nível. A Teosofia pinta um grande quadro de cooperação e de responsabilidade em expansão!

E nós, como seres racionais, reconhecemos estes modelos harmoniosos como relacionamentos matemáticos. Por exemplo, como as leis que governam as órbitas dos planetas. Nós reconhecemo-las como ritmos, como frequências que nós encontramos por toda a parte na natureza. E estas frequências estão muitas vezes sincronizadas umas com as outras. Um ciclo orbital do planeta Júpiter, por exemplo, corresponde a uma mancha solar do sol. O nosso batimento cardíaco, com cerca de 72 batimentos por minuto, em média, está também sintonizado com o ritmo cósmico.

A matemática filosófica pode, portanto, ser definida como: *o estudo da natureza e dos hábitos dos seres cósmicos*, por exemplo, da nossa galáxia. Assim, a verdadeira matemática é muito mais do que uma ferramenta de cálculo: é uma disciplina da Sabedoria Universal. Nas secções seguintes, exploraremos o seu valor e as suas implicações.

O ser menos evoluído copia o mais evoluído – no seu próprio nível

O ser mais baixo copia com frequência o ser mais elevado. Para dar um exemplo: o conhecimento e a harmonia dos seres cósmicos reflete-se em todos os seres mais baixos. Que se esforcem frequentemente pelo equilíbrio. A bola rola para o lugar mais baixo. Cada reação química continua até alcançar um novo equilíbrio. Se nós permitimos

grandes diferenças nas oportunidades da riqueza e do desenvolvimento entre culturas, grandes grupos de pessoas emigrarão, com o objetivo de construir um futuro de mais possibilidades. Assim, vemos o mesmo impulso fundamental para a harmonia e crescimento interior a trabalhar na estrutura da humanidade.

O menos elevado copia o mais elevado, mas nunca exatamente. Ele fá-lo de acordo com as suas próprias capacidades e carácter. Além disso, todos os seres têm uma certa quantidade de *livre arbítrio*. Por consequência, vemos *variações* de modelos básicos por toda a parte: uma incrível exposição de variabilidade. O crescimento interior tem sempre lugar dentro de uma certa liberdade, dentro de um certo espaço para se movimentar dentro dele, e cada ser segue uma única via de evolução.

Nós, humanos, com a nosso livre arbítrio, aplicamos as forças universais da natureza no nosso caminho. Experimentaremos no futuro todas as consequências das nossas escolhas. Os efeitos que nós produzimos podem manifestar-se depois de um curto ou longo tempo. Se nós agimos segundo os nossos mais nobres propósitos, colheremos harmonia. Se nos desviamos do modelo universal de ajuda mútua, criamos desarmonia - desarmonia com outros seres, com aqueles sem os quais não podemos agir. Segundo a nossa motivação, fortaleceremos ou enfraqueceremos a cooperação na qual a nossa sociedade está baseada.

Não apenas nós como humanos pensantes, mas também os seres não auto-conscientes usam um certo grau de livre arbítrio. A consciência deles é muito mais limitada do que a nossa, por consequência, o uso que eles fazem do livre arbítrio é proporcionalmente mais limitado. Ainda assim, mesmo nos seres elementares vemos alguma livre arbítrio em ação, por exemplo, durante as experiências físicas nas quais uma pequena percentagem de partículas não segue a regra matemática estabelecida. Cada investigador está

familiarizado com este fenómeno. Também conhecido como aberrantes.

A matemática como um espelho das verdades cósmicas

A Teosofia explica a estrutura da matemática: todas as regras da matemática são logicamente derivadas de um pequeno número de teoremas ou axiomas. Esta estrutura copia a estrutura fundamental do Cosmos. A infinita multiplicidade dos processos cósmicos pode ser derivada dos sete processos básicos: as sete “Joias da Sabedoria”, que por sua vez derivam das três proposições fundamentais.⁽⁴⁾ Portanto, os princípios do nosso Cosmos estão refletidos - no nível das ideias abstratas - em axiomas matemáticos. Um tal axioma é a definição do ponto matemático. O matemático grego Euclides descrevia o ponto como “aquilo que não tem partes”, por outras palavras, um ponto é indivisível e não tem divisões. O espaço matemático é composto de um ilimitado número de pontos.

Compare-se este axioma com a doutrina teosófica segundo a qual cada ponto do Espaço é um centro de consciência e que cada um desses centros de consciência é indivisível e indestrutível. Por consequência, cada um desses centros de consciência é tecnicamente chamado uma “mónada”, um “um.” Cada ser, incluindo nós próprios, é uma centelha da vida ilimitada em essência. Pode ver: a filosofia matemática tem tudo a ver connosco e com a nossa visão da vida.

As leis da natureza são universais?

Uma questão essencial é saber se as leis da natureza são só válidas dentro do nosso cosmos ou se têm alguma espécie de validade “ilimitada”. Se nos lembrarmos que todos os modelos cósmicos são baseados nos hábitos de uma consciência totalmente abrangente, então a resposta parece ser: a validade destas leis será limitada à esfera de influência

Figura geográfica	Número de dimensões	Símbolo	Indicação do significado
Ponto	0	•	Centro de consciência: uma parte indissolúvel de unidade sem limites
Linha	1	—	Surge a polaridade da matéria-espírito
Plano	2	△	A cooperação da matéria-espírito faz nascer consciência ativa
Figura espacial	3	□	O desdobramento de natureza inferior como emanção e instrumento da consciência superior trabalhando atrás dele

que emana do ser cósmico. Por exemplo, dentro do círculo da nossa galáxia.

Isto pode dar uma impressão errada. Porque não é possível que noutras galáxias se apliquem arbitrariamente leis diferentes. Se fôssemos a pensar daquela maneira, esqueceríamos que cada grupo de galáxias está, por sua vez, subordinado a uma consciência abrangente. E assim por diante. Esqueceríamos que as manifestações intermináveis fluem de uma *unidade* sem limites.

Não. A ideia que apresentamos é muito mais como isto: à medida que nós crescemos em consciência, seremos capazes de compreender e articular os processos fundamentais da natureza numa forma mais universal. Ultrapassaremos gradualmente as nossas limitações correntes, de visão e de compreensão.

H.P. Blavatsky informa-nos que as três proposições fundamentais apresentadas no seu livro *A Doutrina Secreta* são “suficientemente exatos” para nós no nosso estado de evolução. Ainda seres mais avançados serão capazes de definir estas proposições de uma forma mais universal.⁽⁵⁾ Assim como para a matemática isto significará que nós compreenderemos cada vez melhor, gradualmente, as ideias que estão por detrás da matemática.

Matemática filosófica aplicada

Num artigo subsequente no próximo número de *Lúcifer*, “O Portador da Luz”, discutiremos várias fórmulas que, à luz da matemática filosófica, ganham uma dimensão extra. Para dar uma olhadela do que se pode esperar, elaboraremos um exemplo a partir da filosofia de Pitágoras, o grande sábio que fundou uma escola esotérica muito influente no séc VI antes da era comum.

Nós já mencionámos o ponto matemático, que acha a sua explicação na ideia de um centro de consciência. Agora, acrescentaremos a linha, o plano e a figura espacial. Isto forma um quarteto essencial. (veja-se o quadro). Se estudarmos este quadro, verificaremos que nestas quatro figuras básicas podemos ler a origem espiritual de todos os seres. Estas figuras oferecem-nos um incalculável ponto de partida para uma compreensão mais profunda do cosmos e de nós próprios.⁽⁶⁾

Por que é que a Matemática foi alcançada a uma alta consideração entre os Antigos?

A matemática como um meio de cálculo pode ter um grande valor prático quando usado para o benefício dos outros. Por exemplo, para calcular a espessura dos pilares de uma ponte de modo a que devessem transportar um

certo peso por um certo comprimento. Mas isto não nos ajuda a ganhar uma maior compreensão do que é a matéria, ou o que são as forças ou o que é o espaço.

A matemática filosófica mostra-nos que atrás dos fenómenos externos existem modelos abstratos, e que aqueles modelos são, por assim dizer, o caminho para que os humanos percebam, pelas suas “antenas” intelectuais, as características dos seres cósmicos. Como o neoplatónico Proclo disse com algumas palavras veladas: “Antes dos números matemáticos, há os números auto-movíveis. Antes dos números visíveis, há os números vitais.”⁽⁷⁾

A matemática filosófica é um degrau de pedra para estudar as *Ideias divinas*, como diria Platão – um degrau de pedra para ensinamentos mais profundos de Teosofia. Isto explica a alta consideração em que todos os grandes pensadores antigos tinham a matemática. Isso explica a regra a partir da escola de Pitágoras, segundo a qual ninguém estava autorizado a aprender os ensinamentos mais profundos até que primeiramente dominasse as quatro “matemata”: a teoria dos números, a geometria, a astronomia e a música (o estudo dos ritmos e dos ciclos).⁽⁸⁾

Como antes dissemos, no artigo seguinte ilustraremos o valor espiritual dos “matemata” por meio de um número de exemplos.

Referências

1. Barend Voorham, “Sanskrit. Heeft deze oude taal een toekomst?” [“Sânscrito, esta língua antiga tem futuro?”] Artigo no *Lúcifer* holandês, vol. 26, Outubro de 2004, nº5 p. 76-78.
2. G. de Purucker, *The Esoteric Tradition*. Theosophical University Press, Pasadena 1973, Volume 1, p. 408.
3. H. Bezemer, *Like a stream from its source, how we emanate from our spiritual core*. [Como uma corrente da sua fonte, como nós emanamos a partir do nosso coração espiritual]. Artigo em *Lucifer, the Lightbringer*, 2013, nº1, p. 15-20.
4. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Proémio. Ver, para as Sete Joias do Sabedoria: G. De Purucker, *Fundamentals of the Esoteric Philosophy*, Point Loma Publications, San Diego 1990, p. 15.
5. G. de Purucker, *Studies in Occult Philosophy*, Theosophical University Press, Pasadena 1973, p. 419.
6. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, ver em particular as páginas e p.433-434 da edição inglesa original.
7. Ver. ref. 6, vol. 1, p. 552- da edição inglesa original.
8. Ver ref. 6, vol.1, p. 433 da edição inglesa original.
9. O.Letze e M.M.H. Grewenig, *Leonardo da Vinci, Uivinder, wetenschapper en kunstenaar*, [Leonardo da Vinci, inventor, cientista e artista], Kunsthal Rotterdam, 1995, p. 1091.

Perguntas e Respostas

Armas nucleares no Rāmāyaṇa?

Voltando à resposta do anterior *Lúcifer* sobre as armas nucleares no Rāmāyaṇa, creio que existiam sim, porque no *Vimana Shastra* a grande guerra atlântica é mencionada, onde os veículos voavam impulsionados pela energia atômica e onde usavam armas atômicas. Também Blavatsky em *Isis Sem Véu* fala sobre o “rei Thevetat”.

Resposta:

O que é que queremos dizer com “Atlântida”? Trata-se da designação de uma fase precedente da nossa presente fase. Então, nós fomos os Atlanteanos. Este período atlante durou vários milhões de anos, produzindo uma grande variedade de culturas. A sua época áurea foi de cerca de 4 a 8 milhões de anos atrás, num passado distante, muitas encarnações antes da nossa presente encarnação.

O *Vimana Shastra* é uma obra em sânscrito do recente século 20, no qual os veículos são descritos como podendo voar (ver Wikipédia). Tanto quanto temos sido capazes de acertar, este trabalho – que pode ser encontrado online – não fala no facto de estes veículos serem guiados por energia atômica.

O *Vimana Shastra* não é uma antiga escritura sânscrita e certamente não pertence à altura do Mahābhārata e do Rāmāyaṇa. Tem que ser julgado da mesma maneira como, por exemplo, os livros contemporâneos sobre os UFOs (ficção científica).

Segundo alguns, o conteúdo destes *Vimana Shastra* é baseado em sonhos.

Talvez o autor, Subbaraya Shastry, tenha apanhado imagens da Luz Astral. A Luz Astral é o armazém de todos os eventos que têm tido e estão a ter lugar na Terra. É a galeria de imagens, onde tudo está gravado. Assim, as indubitavelmente engenhosas máquinas dos Atlanteanos também deixam as suas impressões na Luz Astral.

Para ser claro, nós também afirmamos que os antigos Atlanteanos tinham máquinas engenhosas, das quais algumas podiam voar. Embora não possamos afirmar que sejam os mesmos veículos descritos no *Vimana Shastra*.

É também óbvio que estas técnicas nem sempre foram usadas para fins nobres. O rei Thevetat, acerca do qual H.P. Blavatsky fala quer em *Isis sem véu* quer em *A Doutrina Secreta*, é um exemplo de como o poder mágico - que não é essencialmente diferente de uma técnica engenhosa - pode ser desvirtuado e ultimamente também liderado pela corrupção daqueles que o desvirtuaram. O ponto aqui, todavia, é que as técnicas usadas naquela altura eram diferentes dessas que se usam nos nossos dias. Na verdade, a Terra e os seus habitantes passaram por diferentes estágios de evolução. Os blocos de construção vivos (átomos) que compõem o nosso mundo físico estavam então num estado de desenvolvimento diferente. Nós, humanos, tendemos a julgar tudo a partir do nosso próprio ponto de vista, a partir de situações onde vivemos *aqui e agora*. Mas em tempos mais antigos em outros lugares no Universo, as condições podem ser diferentes. Os nossos modelos habituais podem não se aplicar lá. Isto explica por que é que os antigos Atlanteanos não usavam, provavelmente

o poder atômico. Para compreender isto, tem que se saber alguma coisa sobre as grandes fases de desenvolvimento do planeta Terra. Na primeira metade da vida terrestre, houve evolução do lado material vivo da natureza. Chamamos a isto o arco descendente. A matéria tornou-se mais grosseira e mais sólida. Os seres mais avançados, tais como os humanos, tiveram que usar aqueles blocos de construção vivos para se manifestarem. Deste modo, os corpos dos Atlanteanos eram muito mais grosseiros e largos do que os nossos.

A meio caminho da vida no planeta há um ponto de viragem. Então, a evolução da matéria para e começa a sua involução. Desde esse ponto de viragem, (a meio da fase atlante), a substância começou a ficar menos grosseira. Esta involução da matéria é acompanhada por *uma crescente evolução do lado espiritual da natureza*. Por exemplo, os seres humanos tornaram-se mais intelectuais e ao mesmo tempo progrediram mais espiritualmente.

É por causa deste processo de involução dos átomos vivos, depois do ponto de viragem, que alguns elementos químicos se desintegraram. É o que nós chamamos radioatividade. Ela começou em primeiro lugar entre os elementos mais pesados, tal como o urânio. A desintegração dos elementos não estava ainda ocorrendo durante o arco descendente e, portanto, segundo o ensinamento teosófico, a humanidade atlante não podia criar armas atômicas, ou quase nenhum, porque a radioatividade estava apenas a aparecer durante a segunda metade do período atlante, depois da sua época áurea - a qual coincide com o ponto de viragem atrás mencionado.

Cólofon

Editores: Barend Voorham, Henk Bezemer, Rob Goor, Bianca Peeters, Erwin Bomas, Bouke van den Noort

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de fazer uma seleção e/ou de resumir as mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a partir do 22.º número gratuito da versão inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para subscrições: enviar mensagem para a sede editorial: luciferred@stichtingisis.org.

O preço das nossas edições em papel custam €4,60 e €9,20 para uma edição dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou tornada pública por qualquer forma ou meios: eletrônica, mecânica, por fotocópias, gravações, ou de outra forma, sem permissão anterior da Editora.



Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês] é “Stichting International Study-centre for Independent Search for truth”. A sua sede é em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar este objetivo através de cursos, organizando palestras públicas, publicando livros, brochuras e outras publicações, e recorrendo a todos os recursos disponíveis com vista a este fim.

A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins lucrativos, reconhecido como o tal pela autoridade tributária dos Países Baixos. Para fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se chama de estatuto ANBI. ANBI significa Organização para o Benefício Geral (Algemeen Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos, portanto não tem rendimentos. Quaisquer lucros que resultem da venda de livros, devem ser totalmente utilizados para atividades gerais de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto, objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher requisitos de integridade. O ANBI deve ter uma propriedade separada, pelo que um diretor ou decisor não pode tomar decisões sobre esta propriedade como se fosse sua. A remuneração dos membros da direção apenas pode consistir de um reembolso de despesas e assistência. O número ANBI da Fundação I.S.I.S. é o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).